

GLÁDSTONE CHAVES DE MELO

O Homem e a Obra

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

1 – O HOMEM.

1.1 – DADOS BIOGRÁFICOS.

1.1.1 - Infância e juventude.

Gládstone Chaves de Melo nasceu na tradicional cidade de Campanha (Estado de Minas Gerais) em 12 de junho de 1917, filho de Maria de Lourdes e Joaquim Gabriel Chaves de Melo. Em sua terra natal passou a infância e juventude e fez os estudos primários e secundários, filiado à Igreja Católica, sob a influência do ambiente religioso e da formação familiar que tivera.

Dotado de rara inteligência e imenso desejo de saber, interessou-se pelos conhecimentos de Filosofia e de Teologia, que aprofundaria no correr dos anos com a leitura de obras dos melhores autores. Paralelamente, por inclinação natural, dedicou-se aos estudos clássicos e de língua portuguesa, a princípio sob a orientação de um grande mestre - o padre jesuíta, humanista e filólogo Augusto Magne ¹, que conheceu em 1930 e o cativou “pela simplicidade, pela bondade e pela doçura”, segundo as suas próprias palavras ².

¹ De origem francesa, nascido em Marvejols, em 1887, Augusto Magne viera para o Brasil em 1904, ingressando em Campanha no noviciado da Companhia de Jesus, onde desenvolveu os primeiros estudos de nível superior. Ordenado sacerdote em 1922, notabilizou-se daí por diante como profundo conhecedor das letras clássicas (grego e latim) e de várias línguas modernas, e como pesquisador e autor de obras de fundamental importância no domínio dos Estudos Clássicos, da Filologia e Lingüística Românica e da Filologia e Lingüística Portuguesa. Faleceu no Rio de Janeiro a 21 de julho de 1966.

² V. na relação de escritos de Gládstone Chaves de Melo reunidos neste número de *Confluência* o artigo “Mestre Augusto Magne”, datado de 7/7/1957, em que traduz a admiração e a gratidão ao seu insigne benfeitor.

Concluídos em Campanha os estudos básicos, transferiu a sua residência para a cidade de Belo Horizonte, com o propósito de se tornar aluno da Faculdade de Direito, em que cursou os primeiros anos. Razões de ordem pessoal o fizeram em 1936, já órfão de pai, mudar-se em definitivo para a cidade do Rio de Janeiro.

1.1.2 – Rio de Janeiro: primeiros anos.

Na então capital da República, estava à sua espera o Padre Magne, com cujo amparo pôde contar mais de uma vez. Passou a morar numa pensão junto ao Colégio Santo Inácio, onde teve como companheiro de quarto o Padre Hélder Câmara, que entre outras atividades exercia a de diretor da *Revista Brasileira de Pedagogia*, órgão oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação. Para manter-se às próprias custas, e já sentindo a atração para o magistério, passou pelas experiências de dar aulas particulares e de prestar serviços de revisor tipográfico ao recém-criado Instituto Nacional do Livro.

Durante largo período teve contatos diretos com o Padre Magne, dele recebendo a orientação para os estudos que fazia e tendo acesso aos livros da sua rica biblioteca, o que muito facilitou a realização dos seus planos de pesquisa.

Tornando-se aluno da Faculdade Nacional de Direito, pôde concluir em 1938 o curso iniciado em Belo Horizonte. O diploma de bacharel então recebido não lhe seria de proveito prático, pelo fato de que nunca exerceria a profissão de advogado, mas sem dúvida lhe foram úteis os conhecimentos adquiridos da ciência do Direito, dos quais se valeria em não poucas oportunidades, ao longo da vida.³

Em junho de 1941, foi graças à indicação do Padre Magne, catedrático de Filologia Românica na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, criada dois anos antes, que recebeu o convite do Professor Sousa da Silveira para ser seu assistente na cadeira de Língua Portuguesa da referida Faculdade⁴. Desse modo, ao ter ensejo de atender amplamente à sua mais

³ Como será dito no correr deste relato biográfico, foi na década de 50 e início da de 60, como vereador e deputado estadual, que Gládstone mais se serviu dos conhecimentos de Direito para dar pareceres nas câmaras legislativas de que fez parte.

⁴ Tendo a Faculdade Nacional de Filosofia iniciado as suas atividades em 1939, Gládstone figura entre os mais antigos professores da instituição, hoje desdobrada em várias unidades – como a Faculdade de Letras - da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

forte vocação – a do magistério, que não mais deixaria de exercer por toda a vida, e nas mais variadas circunstâncias – pôde contar com a segura direção e orientação do consagrado autor das *Lições de Português*, o grande renovador dos estudos de Filologia e Lingüística Portuguesa no Brasil, que o ajudou a livrar-se de preconceitos gramaticais, estilísticos e literários advindos de uma formação escolar à antiga ⁵.

Quando começou a carreira do magistério superior de Letras, ainda no verdor dos seus 24 anos de idade, Gládstone causou com o impressionante cabedal de conhecimentos que já acumulara a mais funda impressão ao sábio Professor Sousa da Silveira e aos alunos da Faculdade, sendo assim desde logo reconhecido como figura singular entre os professores da sua geração. Mereceu do catedrático a distinção de atuar com muita independência nas turmas que lhe eram confiadas, como as dos currículos de Letras Anglo-Germânicas e de Letras Clássicas, cujos alunos tiveram a primazia de ouvir muitas das preleções mais tarde reunidas em capítulos dos livros *A Língua do Brasil* (1946) e *Iniciação à Filologia Portuguesa* (1951).

A 23 de dezembro de 1941 casou-se com Cordélia de Paula Rodrigues, nascida no Rio de Janeiro, de origem cearense, com quem formaria uma família de 7 filhos, genro, noras, quinze netos e uma bisneta ⁶.

Nessa década de 40, facilitou-lhe o caminho de estudioso de letras clássicas e vernáculas o convívio estreito com o Padre Magne, com Sousa da Silveira, com Alceu Amoroso Lima e outros professores da Faculdade.

Por outro lado, ajudou-o a apurar os conhecimentos filosóficos, religiosos e doutrinários o fato de como católico fervoroso se ter tornado freqüentador habitual do Mosteiro de São Bento, ligando-se por laços muito fortes a algumas

⁵ V. na relação dos escritos de Gládstone Chaves de Melo as páginas que escreveu sobre Sousa da Silveira (Rio de Janeiro, *1883 - †1967) – o professor e o filólogo, de quem se tornou um dos mais fiéis discípulos e devotado amigo.

⁶ Cordélia era filha do antigo senador pelo Estado do Ceará Tomás de Paula Pessoa Rodrigues, que no fim da vida morou em companhia do casal, em residências no bairro de Laranjeiras. Chegou a ser aluna do Curso de Letras Clássicas da Faculdade Nacional de Filosofia, que abandonou por opção própria, para se dedicar inteiramente à família. Muito expressiva do sentimento religioso que unia o casal é a relação de nomes com que fez batizar os 7 filhos: Paulo de Tarso, Maria de Lourdes, Tomás de Aquino, Bernardo Gládstone, Maria Teresa, Maria da Glória e Agostinho.

das figuras mais conhecidas da comunidade beneditina ⁷. A convite de Alceu Amoroso Lima, professor de Literatura Brasileira na FNF, ingressou no Centro Dom Vital, onde teve a oportunidade de encontros múltiplos com os principais líderes do laicato católico no Rio de Janeiro, e onde seria por longos anos redator-chefe da revista *A Ordem*, publicação da entidade, para a qual escreveu notáveis artigos sobre matéria filosófica, religiosa, lingüística e literária ⁸.

Ao mesmo tempo, profundamente tocado pelo sentimento de solidariedade às pessoas mais desvalidas da sociedade, e fiel aos princípios da doutrina social da Igreja, tornou-se um ardente seguidor das idéias de Frederico Ozanam ⁹ e integrante do grupo de vicentinos que prestavam assistência regular e direta aos pobres em favelas no bairro de Laranjeiras, em que fixara a sua residência. Somos testemunha, numa época em que o Rio de Janeiro não era a cidade com os perigos e a violência de hoje, do fervor com que Gládstone encarava as suas tarefas de vicentino, comparecendo às reuniões da associação na paróquia do Cristo Redentor ou subindo o morro próximo de sua casa para levar a moradores da favela o auxílio material que lhe fora possível amealhar ¹⁰.

⁷ Entre os seus maiores amigos da comunidade, estavam o abade Dom Martinho Michler, o seu confessor Dom Bernardo Schuh, a quem ficou devendo extraordinário apoio em horas muito difíceis, e Dom Marcos Barbosa (já falecidos), e entre os vivos e no grupo dos mais antigos, Dom Lourenço de Almeida Prado, Dom Irineu Penna, e Dom Hildebrando Martins.

⁸ Entre os leigos, eram figuras exponenciais no Centro Dom Vital, fundado em 1922 por Jackson de Figueiredo (*1891 - †1928), o Presidente da instituição Alceu Amoroso Lima (*1893 - †1983), e mais os militantes católicos e escritores Heráclito da Fontoura Sobral Pinto, Hamilton Nogueira, Perilo Gomes, Gustavo Corção, Sílvio Elia, Fábio Alves Ribeiro, José Fernando Carneiro, Alberto Borgerth, José Artur Rios, Alfredo Lage e inúmeros outros, muitos deles colaboradores assíduos da revista *A Ordem*.

⁹ Gládstone foi no Brasil um dos mais importantes divulgadores do pensamento e da ação de Frederico Ozanam, sobre quem escreveu vários artigos na revista *A Ordem*, relacionados na bibliografia final deste estudo biobibliográfico, entre os quais “O Testemunho Cristão de Ozanam em Relação à Cultura” incluído no livro de muitos colaboradores *Missão do Intelectual* (Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1952, pp. 34-67). Num dos artigos – “A Presença de Ozanam”, transcrito na coletânea de textos do final deste nosso ensaio – há um comovente testemunho das atividades dos vicentinos junto aos pobres e miseráveis, merecedor da mais atenta leitura e meditação.

¹⁰ Estando de visita em seu apartamento, o víamos nos dias de reuniões da confraria vicentina interromper às 20 horas as nossas conversas e sair de casa para esses encontros com os companheiros de trabalho, que não dispensava de maneira alguma.

Do seu saber passou a dar provas a um público bem mais numeroso quando começou a expandir outra incoercível e extraordinária vocação, a de escritor, que cumpriu até os anos finais da vida. Essa atividade principiou em 1937 com o artigo “Um Livro Sobre a Missa” publicado na *Revista Brasileira de Pedagogia*¹¹, e só terminaria em março de 2001, com o artigo “Algo Sobre a Graça”, que culminou uma série de alta espiritualidade preparada para o periódico *Pelo Bem Comum*, de que se tornara constante colaborador¹². Em 1939, pelas páginas da revista *Euclides*, de que era Diretor o bibliógrafo Antônio Simões dos Reis, começaria a divulgar os resultados dos seus estudos filológicos, num dos quais já aparece o nome e a obra de Alphonsus de Guimaraens, uma das suas maiores devoções literárias. Datam dessa mesma época seus dois pequenos livros *Formulário Ortográfico* (1938) e *A Linguagem dos Livros Brasileiros de Literatura Infantil* (1940).

Dáí por diante, seria chamado a colaborar em jornais e revistas do Rio de Janeiro (*Correio da Noite*, *FNF*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *A Ordem*, *Tribuna da Imprensa*, *Carta Mensal*, *Permanência*, *O Mundo Português*, *Confluência*) e de outras cidades (*Vozes*, de Petrópolis, *O Estado de São Paulo*, *Diário de Notícias*, de Lisboa, *Pelo Bem Comum*, impresso no Rio de Janeiro).

Dos anos finais da década de 40 aos do início da década de 50, Gládstone, com as atividades de que participava, conquistou grandes admiradores não só entre os seus pares como também entre os alunos da Faculdade. Firmou-se em tal período o seu prestígio como autor de livros de fundamental importância: *A Língua do Brasil* (1946), *Dicionários Portugueses* (1947), a edição crítica e comentado do romance *Iracema* de José de Alencar, que trazia em apêndice o estudo *Alencar e a “Língua Brasileira”* (1948), *Iniciação à Filologia Portuguesa* (1951), *Conceito e Método da Filologia*, em colaboração com Serafim da Silva Neto (1952), *Novo Manual de Análise Sintática* (1954).

Se por um lado o que fazia recebia louvores dos leitores comuns, e também de grandes nomes do meio cultural brasileiro, por outro lado a franqueza e sinceridade com que em seus escritos manifestava convicções

¹¹ Essa *Revista*, órgão oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação, tinha como Diretor o Padre Hélder Câmara (cf. ano IV. n.º 36, vol. VII, de jul.-ago. 1937).

¹² Na coletânea referida na nota 7, também se transcrevem os primeiros e o último desses artigos. V. ainda na bibliografia final a relação completa dos artigos publicados entre os anos de 1992 e 2001 no periódico dirigido por Cláudio Braga, mais de 40 ao todo.

absolutas e opiniões bem fundamentadas tinha despertado contra ele a animosidade por parte dos que se sentiam atingidos pelas suas palavras e críticas às vezes bastante contundentes e discutíveis.

Em 1946, ao se submeter com menos de 30 anos de idade a provas públicas para a obtenção dos títulos de livre-docente e doutor em Língua Portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia, perante banca examinadora constituída de ilustres figuras, mas de que não fizeram parte o Padre Magne e Sousa da Silveira, não lhe foi fácil contornar a hostilidade de um dos examinadores, que o detestava por várias razões, entre as quais não ter sido citada na tese apresentada (involuntariamente, e não de propósito, como se veio a comprovar) importante revelação de sua autoria. No clima de alta tensão que se formou, afinal tudo se concluiu com bom resultado graças principalmente à prudência e sensatez de dois outros examinadores ilustres, os professores Ismael de Lima Coutinho e Serafim da Silva Neto.

Não conseguindo dominar a tendência de exprimir com toda a clareza e rudeza o seu pensamento sobre questões controvertidas, nos anos seguintes prosseguiu Gládstone com o mesmo ânimo no desempenho das missões que lhe recaíam sobre os ombros. Era uma época em que ainda se cultivava entre os intelectuais o velho gosto das polêmicas em tom desabrido e agressivo. Sentia-se ele na obrigação de dizer sem rodeios o que pensava sobre erros e distorções no estudo e ensino da língua, e sobre publicações que as difundiam, em prejuízo da boa formação dos estudiosos de Letras ¹³.

Em 1952, sentindo-se atingido por atitudes e juízos críticos do autor de *Iniciação à Filologia Portuguesa*, veio a público o Professor Cândido Jucá (filho), com o pequeno livro a que deu o título de *As Categorias Gramaticais*, para refutar afirmações que julgava insustentáveis (como as referentes ao conceito de categorias) e apontar erros ou supostos erros na obra que se dispôs a analisar ¹⁴. Sem demora Gládstone tomou conhecimento das duras críticas de que fora alvo, mas a elas só se referiria em 1956, no prefácio da segunda edição da *Iniciação*, datado de outubro, ao explicar que nada dissera antes porque se recusava a entrar nesse campo de polêmicas, por julgá-las estéreis, mais servindo para perturbar o espírito dos leitores. Por outro lado, reconheceu

¹³ V. na citada coletânea de textos de sua autoria do final deste ensaio vários exemplos de como ele se exprimia nas suas críticas, discordando inclusive quando necessário do que faziam ou afirmavam pessoas que tinha em alta estima e consideração.

¹⁴ O episódio está mencionado com o acréscimo de outros dados no tópico do capítulo 2.2 - Obras Principais deste ensaio, em que tratamos das sucessivas edições de *Iniciação à Filologia Portuguesa*.

e aceitou nas correções do crítico as que eram procedentes e não podiam ser ignoradas por quem tinha em mira a busca da verdade¹⁵. Pode-se imaginar no entanto como o episódio afetou as relações instáveis de linguistas, filólogos e gramáticos, criando terrível mal-estar e acarretando conseqüências danosas ao bom relacionamento de pessoas que afinal estavam ligadas no campo científico pelos mesmos interesses comuns.

1.1.3 – A militância político-partidária.

Além das atividades do magistério, Gládstone Chaves de Melo atuou por força das circunstâncias em três outros campos de atividades: na vida pública brasileira; no jornalismo; e na vida diplomática.

Provavelmente naqueles anos da década de 30 em que fez o curso de Direito, tornou-se leitor constante, por influência de escritos de Alceu Amoroso Lima, de obras do filósofo francês Jacques Maritain¹⁶, entre as quais as que analisavam o pensamento político da época. Isto o terá feito, enquanto via na Europa o avanço dos regimes totalitários (comunismo, fascismo e nazismo) e no Brasil vivia a terrível experiência ditatorial e medularmente autoritária do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), integrante do grupo dos que desejavam ardentemente a renovação do mundo político, com o predomínio das idéias que Maritain expressara no luminoso livro *Cristianismo e Democracia*.

¹⁵ V. prefácio da 2ª edição de *Iniciação*, reproduzido nas edições seguintes, onde se lêem as seguintes explicações em relação às críticas azedas que recebeu: “Preferi nada responder, porque cuidei que então se armaria polêmica em que supostamente levasse de vencida quem falasse por último, tal qual nas brigas de crianças. Como não quero ser daqueles de quem fala Santo Agostinho ‘amant veritatem lucentem, aderunt eam redarguentem’ (*Conf.*, 1, X, cap. 23) – acolhi com prazer as críticas acertadas”.

¹⁶ Exerceu grande influência na formação do pensamento católico brasileiro a obra de Jacques Maritain (*1882 / †1973), em que se destacam livros como *Art et Scolastique* (1920), *Eléments de Philosophie* (1921-1923), *Science et Sagesse* (1935), *Frontières de la Poésie* (1935), *Humanisme Intégral* (1936), *Les Droits de l’Homme et la Loi Naturelle* (1942), *Christianisme et Démocratie* (1942) e nos anos seguintes vários outros de extraordinário valor.

V. entre os artigos de Gládstone transcritos no final deste relato o que tem o título de “Maritain e a Fé na Democracia”, publicado em 1946, onde se analisam as grandes mensagens do livro *Cristianismo e Democracia*. Sinal dos tempos atuais é o incrível descaso a que foi relegada no próprio meio católico a leitura das obras principais de Maritain e em particular a desse livro de fundamental importância para a renovação do mundo, verdadeira obra-prima da literatura política.

Em 1945, no estertor do Estado Novo, Gládstone participou da memorável e malograda campanha para eleger Presidente da República o Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato de diversas correntes que representavam o pensamento democrático na linha da chamada “democracia cristã”, de que muito se falava no mundo já quase livre das ameaças do totalitarismo nazi-fascista, mas em que sobrevivera o regime totalitário do comunismo internacional sob a liderança de Josef Stálin, inspirado na doutrina filosófica, política e econômica do marxismo-leninismo.

Por essa época, surgira no Rio de Janeiro o movimento da Resistência Democrática, com um manifesto datado de 21 de abril de 1945, assinado por opositores do Estado Novo que se empenhavam em promover a redemocratização do país. Esse movimento seria nos anos seguintes o ponto de encontro de quantos defendiam os princípios da autêntica democracia, para impedir o retorno a tudo o que lembrava os desmandos da época da ditadura¹⁷. Gládstone e muitos outros sócios do Centro Dom Vital estiveram entre os assíduos freqüentadores das agitadas reuniões da Resistência.

Em 1950, como um dos integrantes da agremiação, foi forçado a aceitar a indicação do seu nome para compor a chapa de candidatos a vereador pela União Democrática Nacional (UDN)¹⁸. Uma recomendação impressa e

¹⁷ Está para ser feita a história da Resistência Democrática, que congregou pelo período de alguns anos, até a formação e pleno funcionamento dos partidos políticos (UDN, PSD, PTB, PL, PSP e outros), militantes de várias tendências ideológicas e religiosas, entre os quais sobressaíam as figuras de Heráclito da Fontoura Sobral Pinto, Luís Camilo de Oliveira Neto, José Fernando Carneiro, Aduato Lúcio Cardoso, Carlos Lacerda, Dario de Almeida Magalhães, José Barreto Filho, Gustavo de Sá Lessa, Tancredo Ribas Carneiro, Gustavo Corção, Raimundo Moniz de Aragão, José Artur Rios. Éramos na Resistência do grupo dos mais jovens, que assistíamos fascinados aos debates que lá se travavam, na tentativa de traçar rumos para a política brasileira e encontrar soluções para os grandes problemas nacionais, como o da reforma agrária, que se buscava como prioridade, discutida em vibrantes sessões da agremiação. Leia-se sobre isto o que escreveu John W. F. Dulles no capítulo sobre a Resistência do recente livro *Sobral Pinto: a Consciência do Brasil* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001, pp. 336-339).

¹⁸ Foi numa reunião da Resistência, sem a presença de Gládstone, que o seu nome foi acolhido por todos como o de um bom candidato a vereador. Consultado após a reunião, ele se recusou o mais que pôde a aceitar tal indicação, dizendo-se impossibilitado de arcar com os gastos de uma campanha eleitoral de resultados imprevisíveis, pois o ilustre candidato da Resistência na eleição anterior não conseguira eleger-se, apesar do seu grande prestígio pessoal. Só mesmo o demoveu da resolução a insistência de muitos amigos, que se dispuseram a assumir todos os encargos financeiros da campanha.

distribuída aos eleitores com as assinaturas de Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção e Sobral Pinto, que lideravam o Centro Dom Vital, e a mobilização de numerosos amigos e admiradores, fizeram dele um dos vereadores eleitos com boa votação na eleição daquele ano. Gustavo Corção assim explicou em artigo no jornal *Tribuna da Imprensa* de 11/9/1950 o que então aconteceu:

fomos nós mesmos, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto e eu, que tomamos a iniciativa dessa candidatura e dessa recomendação que aqui reitero em nome deles e no meu próprio.

Entre os que se fizeram propagandistas entusiastas da sua candidatura, estavam muitos alunos e professores da FNF, que vivia um momento de grande esplendor.

Eleito com surpreendente votação, Gládstone, para tomar posse, teve a contragosto, embora se dispusesse a continuar a dar aulas sem receber os proventos respectivos, de licenciar-se do cargo de professor assistente da Faculdade, por um parecer que não reconhecia a compatibilidade do exercício concomitante dos dois cargos. Surpreendeu-o então o convite do Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Padre Pedro Veloso, para ministrar aulas de Língua Portuguesa e Literaturas Portuguesa e Brasileira no Curso de Jornalismo da PUC. Nessa instituição trabalharia de 1951 a 1968, até afastar-se dela definitivamente por motivos pessoais, de que falaremos mais adiante ¹⁹.

Na Câmara de Vereadores do Distrito Federal (o Rio de Janeiro ainda capital da República), cumpriu Gládstone dois mandatos, de 1951 a 1960. Foi logo em seguida eleito Deputado do PDC à Assembléia Legislativa do recém-criado Estado da Guanabara ²⁰, e aí encerrou a participação na vida pública em

¹⁹ Fernando Ferreira, aluno dos mais brilhantes daquelas turmas iniciais de Gládstone na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e hoje professor do Departamento de Comunicação Social da instituição, publicou no número 110 do *Jornal da PUC*, de dezembro de 2001, um comovido depoimento sobre aspectos da atuação de Gládstone junto aos melhores alunos, onde declara que foi seu companheiro de atividades na Conferência Vicentina da Igreja do Cristo Redentor, em Laranjeiras. Revela que Gládstone “marcou fortemente” os alunos daquele época, e que a turma de 1955 o escolheu como “grande homenageado” nas solenidades de formatura, sendo ele desde então “uma referência de saber, brilho intelectual e integridade pessoal”. E diz mais: “Nos encontros com o professor, três vezes na semana, [os alunos] não apenas estudavam a língua e a literatura portuguesa e brasileira, como se inteiravam de arte, filosofia e política, nas conversas que se estendiam além das aulas”.

²⁰ Na mesma data, 21 de abril de 1960, instalou-se o Estado da Guanabara e inaugurou-se a cidade de Brasília no novo Distrito Federal, como capital da República.

1962, por livre decisão sua, desgastado numa luta memorável entre os vereadores para combater a corrupção e as práticas censuráveis que se alastravam até mesmo com o envolvimento direto de parlamentares e a conivência ou omissão de dirigentes dos principais partidos políticos. Foi esse um período de grandes amarguras em sua vida, mas ao mesmo tempo muito enriquecedor, pelo ensejo do convívio com extraordinárias figuras do mundo político, de quem se tornara correligionário e mais que isto um sincero e devotado amigo. Como vereador, fiel aos compromissos políticos e partidários que nortearam a sua atuação, fez parte do grupo de oposição ao governo federal, sob a chefia dos Presidentes Getúlio Vargas (1951-1954) e Juscelino Kubitschek de Oliveira (1955-1960), e ao governo municipal, exercido por Prefeitos do Distrito Federal por eles nomeados.

Nas Câmaras a que pertenceu combateu o bom combate ao lado de figuras que tinham os mesmos ideais políticos, entre os quais os vereadores Dulce Magalhães, Aníbal Espinheira, Mário Martins, Raimundo Magalhães Júnior, Pascoal Carlos Magno, Lígia Lessa Bastos, Silvino Neto, Couto de Sousa, Álvaro Dias e alguns outros e os deputados estaduais Temístocles Cavalcanti, Aliomar Baleeiro, Amaral Neto, Sandra Cavalcanti, Afonso Arinos de Melo Franco Filho, Paulo Alberto Monteiro de Barros, Hércules Correia, Lopo Coelho, Roland Corbisier, Saldanha Coelho, Raul Brunini, Adalgiza Néri. Conseguiu bom relacionamento até mesmo com parlamentares combativos de outros partidos, dos quais estava separado em questões fundamentais por profundas divergências políticas ou ideológicas, como alguns integrantes da bancada do Partido Comunista, como Hércules Correia, de quem se aproximou em determinadas ocasiões na luta em favor dos interesses do bem comum. Foram de grande impacto os seus discursos e pareceres, nas sessões plenárias e nas da Comissão de Justiça da Câmara de Vereadores, de que chegou a ser Presidente. Tais pronunciamentos, sempre pautados pelos bons princípios, e expressos em linguagem clara e precisa, eram ouvidos com toda a atenção. Muitos deles provocaram as reações adversas, a ira e até ameaças de agressão pessoal de alguns vereadores que defendiam interesses inconfessáveis, entre os quais aqueles que à boca pequena eram apontados como líderes de um grupo a que se deu o rótulo de “sindicato do crime”²¹. Tais discursos são atestados não apenas de lucidez

²¹ No artigo citado na nota 19, analisando a atuação de Gládstone nas câmaras legislativas de que fez parte, Fernando Ferreira, que acompanhou de perto o que se passou então, acentua que ele “teve uma participação parlamentar das mais

e competência, mas também de coragem pessoal, e de uma extraordinária capacidade de se valer de tantos conhecimentos acumulados em anos e anos de estudos e reflexões, com lógica e precisão, para denunciar as práticas perniciosas com que já então os políticos corruptos desmoralizavam a atividade parlamentar. Na Comissão de Justiça deu cerca de 2000 pareceres sobre a constitucionalidade, juridicidade e conveniência de projetos apresentados por seus pares.²²

Em 1955, deixou a liderança da bancada da UDN, por discordar do incoerente e estranho apoio que o partido queria dar à candidatura de Etelvino Lins, deputado pelo PSD, à Presidência da República. Manteve até o fim a adesão ao candidato Juarez Távora, afinal derrotado nas eleições daquele ano por Juscelino Kubitschek de Oliveira. Porém, quando alguns políticos golpistas da UDN começaram a contestar a eleição de Juscelino, alegando que não obtivera maioria absoluta de votos, o que não estava previsto na legislação eleitoral, Gládstone, apesar de fazer as maiores e mais graves restrições ao eleito, surpreendeu o plenário da Câmara de Vereadores com um discurso em que declarava não aceitar a impugnação do resultado do pleito eleitoral, por não subsistirem razões para justificar tal interpretação tendenciosa e descabida.

proficuas, com atuação diligente e criativa nas comissões, na apresentação de projetos relevantes”. E acrescenta: “No plenário, como puderam atestar ex-alunos já no exercício do jornalismo, era um orador brilhante e versátil, capaz da reflexão mais oportuna e inesperada quanto da mais fina ironia. Naquele universo em que uma insolente maioria cultivava o despreparo, o golpismo e a esperteza, era, entre as exceções, a que se impunha pela ponderação, a firmeza e a inatacável probidade”. V. na relação de documentos do final deste ensaio a transcrição do manifesto em favor da reeleição de Gládstone como vereador, em 1954, com a indicação dos principais pontos da sua atuação em defesa do erário público e das boas práticas legislativas.

²² Em reportagem publicada pela revista *Manchete* de 30/4/1955, com fotografias de José Maria da Cruz, e o título “Um Filólogo Desafia o Diabo / Aristóteles Tem um Representante na Câmara dos Vereadores”, o escritor Ledo Ivo registrou uma série de dados para o melhor conhecimento da vida e da atuação política de Gládstone Chaves de Melo como vereador, vendo nele um homem público que punha os seus excepcionais dotes de inteligência e cultura a serviço dos interesses do bem comum, numa luta permanente e desgastante para enfrentar os maus políticos que desmoralizavam a instituição com as suas práticas danosas e indecorosas, de tristes conseqüências.

No correr do tempo, outros motivos o fizeram deixar a UDN. A principal divergência foi com a direção do partido, que se recusava a tomar providências para resolver problema ético de suma relevância referente a um companheiro de bancada envolvido em lamentável episódio de desrespeito a determinação da liderança da bancada udenista. Por isso, na eleição seguinte foi candidato a vereador pelo Partido Democrata Cristão (PDC).

Em 1960, já estando em funcionamento o Estado da Guanabara, Gládstone concorreu a uma vaga de deputado na legenda do PDC, e eleito passou a ser um dos integrantes da Assembléia Constituinte a que caberia a tarefa de organizar a nova unidade da federação. Dos trabalhos que realizou como deputado estadual, o mais importante foi a participação na elaboração do projeto da Constituição do Estado, que seria analisado posteriormente pela comissão de que foi relator Temístocles Cavalcanti. Atuou Gládstone entre os deputados que deram apoio aos planos de governo de Carlos Lacerda, eleito Governador do Estado em dezembro de 1960 depois do período de transição do Governador Sete Câmara.

Gládstone manteve com o Governador Lacerda relações políticas diferenciadas, apoiando as boas medidas administrativas postas em prática, mas discordando das suas posições extremadas e pronunciamentos que julgava injustos ou inaceitáveis. Ainda assim, o Governador quis fazer dele Ministro do Tribunal de Contas, reconhecendo-lhe os altos méritos e a imparcialidade com que saberia analisar a utilização por parte do governo dos recursos públicos. Gládstone, porém, alegando que fora o relator do processo de criação das duas novas vagas de Ministro do referido Tribunal a serem preenchidas, e sentindo-se pois moralmente impedido de aceitar o convite, recusou-o sem vacilação²³.

Algum tempo mais adiante, em 1962, na firme convicção de que estava encerrado o seu mandato de deputado, Gládstone tomou a decisão extrema de se afastar para sempre da vida pública e voltar às atividades de magistério na Faculdade Nacional de Filosofia, mesmo sabendo que teria de arcar com o problema da drástica diminuição dos rendimentos para a manutenção da família.

²³ Para ocupar uma das vagas de Ministro do Tribunal de Contas, por sugestão de Gládstone ao Governador Carlos Lacerda, foi nomeada a ex-vereadora Dulce Magalhães, que no exercício das novas funções deixaria as marcas da sua integridade moral e competência profissional, ela que tinha sido funcionária pública exemplar no Ministério da Fazenda.

Dava assim mais uma prova do seu desprendimento dos bens materiais e da confiança em Deus de que encontraria meios para atender aos não pequenos encargos pessoais.

Já vimos que nesses anos de vereador e em seguida deputado estadual, impedido de continuar a dar aulas na Faculdade Nacional de Filosofia, pôde no entanto atender à sua vocação de professor, de várias maneiras. De 1950 a 1952 fora professor de Filologia Românica na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (Minas Gerais); a partir de 1951, professor dos cursos de Jornalismo e Letras da PUC. Também participou, a convite do grande educador José Carlos de Melo e Sousa, da extraordinária experiência dos cursos de preparação para exames de suficiência promovidos pela CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário) / Ministério da Educação e Cultura), nos anos de 1959 e 1960 – em Petrópolis (RJ) e Nova Friburgo (RJ) respectivamente.

Em setembro de 1962, aceitou o convite do Professor Durval de Almeida Batista Pereira, Diretor da Faculdade Fluminense de Filosofia, com sede em Niterói, para reger a cadeira de Didática Geral. Era um emprego bem modesto, numa instituição de ensino particular, onde porém teria o prazer de encontrar antigos companheiros a que votava grande apreço, como os professores Ismael de Lima Coutinho e Baltasar Xavier, os seus ex-alunos nos Cursos de Letras Clássicas e de Letras Anglo-Germânicas da FNF Rosalvo do Valle e Maria Helena Peixoto Kopschitz, e o autor deste relato. Anos depois, iria transferir-se na Faculdade para o setor de Língua Portuguesa, sentindo-se assim mais à vontade no curso de Letras para desenvolver planos de estudos e pesquisas especializados.

Retornando em 1962 ao lugar efetivo de professor na Faculdade Nacional de Filosofia, nela e nas outras instituições educacionais acima citadas continuaria a desempenhar as habituais tarefas docentes, se outros acontecimentos não o obrigassem a mais uma vez mudar de rumo.

1.1.4 – Adido Cultural do Brasil em Lisboa.

No segundo semestre de 1962, no exercício de atividades docentes, viu-se Gládstone Chaves de Melo inesperadamente convocado para o desempenho de nova missão.

Tendo-se instalado no país o regime parlamentarista de governo, como fórmula para contornar o problema da ascensão à Presidência da República do

Vice-Presidente João Goulart ²⁴, fora chamado a ocupar o posto de Ministro das Relações Exteriores já num segundo gabinete, sob a chefia do primeiro ministro Brochado da Rocha ²⁵, o político mineiro Afonso Arinos de Melo Franco, que tivera destacada atuação como militante da UDN, em cuja legenda se elegera Senador da República. Nessa ocasião, Afonso Arinos Filho, que como já se disse fora colega de Gládstone na Câmara de Deputados, dele recebera provas de solidariedade em circunstâncias particulares, e muito se preocupava com a sua situação pessoal, tomou a iniciativa de recomendar a seu pai que convidasse o amigo a quem tinha em alta conta para o desempenho do cargo de Adido Cultural do Brasil na nossa Embaixada em Portugal. O convite foi feito, sem demora. Todavia, por ser firme opositor do Presidente João Goulart, Gládstone não se dispôs a aceitá-lo. Nem mesmo a insistência de alguns amigos mais próximos o demoveu da recusa. Foi preciso então que alguns monges da comunidade beneditina, a que ele estava tão ligado, lhe tirassem da cabeça o absurdo escrúpulo, convencendo-o de que, por não pertencerem os cargos públicos aos dirigentes do país, qualquer pessoa devidamente habilitada, independentemente das posições político-partidárias, estava apta a aceitar convites semelhantes, na disposição de atender aos interesses do bem comum.

Na cidade de Lisboa, entre 1962 e 1964, Gládstone encontrou como Embaixador o político mineiro Francisco Negrão de Lima, que fora Prefeito do Distrito Federal no governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, e a quem fizera oposição na Câmara dos Vereadores, como líder da bancada da UDN. Recebido com fidalguia pelo Embaixador, apesar das divergências do passado recente, encontrou ambiente propício para o trabalho de aproximação cultural luso-brasileira que pretendia realizar e levou avante, em contato permanente com instituições culturais e grandes figuras da intelectualidade portuguesa.

Quando Gládstone Chaves de Melo voltou ao Brasil em 1964, meses após a instalação do governo decorrente da Revolução que depôs o Presidente João Goulart, estava na presidência da República o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, a que serviam em postos de relevo muitos dos seus

²⁴ Como se sabe, para que o Vice-Presidente João Goulart pudesse ocupar o cargo em substituição a Jânio Quadros, foi reformada a Constituição de 1946 e instituído o sistema parlamentarista, pelo qual ficavam limitados os poderes do Presidente da República.

²⁵ O gabinete de Brochado da Rocha teve curta duração: de 6 de julho a 18 de setembro de 1962.

antigos companheiros de vida política na UDN, no PDC ou no Partido Libertador. Em breve foi criado por determinação do novo Presidente o Conselho Federal de Cultura, para a constituição do qual Castelo Branco fez questão de convidar expressivas figuras da intelectualidade brasileira, algumas sabidamente descontentes com os rumos do governo militar que tomara conta do país.

Voltando às suas posições de professor na UFRJ, na UFF e na PUC, e às atividades de caráter religioso, Gládstone prosseguiu na sua faina de escritor. Era entre os nossos lingüistas e filólogos uma figura singular, pela amplitude dos conhecimentos hauridos na formação básica, pela atuação no ensino de matérias as mais variadas, e pela autoria de mais de 20 livros e de numerosos artigos em jornais e revistas no Brasil e em Portugal. Consagrara-se com a maior dedicação ao magistério sob as mais variadas formas, tendo com bem mais freqüência ministrado cursos de Lingüística e Filologia Portuguesa, mas também cursos de Filologia Românica, Crítica Textual, Estilística Portuguesa, Língua Latina, Literatura Portuguesa, História da Literatura Brasileira, Cultura Brasileira, Princípios de Filosofia, Filosofia da Educação e Didática Geral.

Fiel seguidor das diretrizes da Igreja Católica, na militância religiosa nunca interrompida e para ele prioritária em tudo, foi com o mais vivo interesse que acompanhou o que aconteceu no Concílio Vaticano II, promovido pelo Papa João XXIII, entre os anos de 1963 e 1965, acatando as suas decisões, sobre algumas das quais se manifestou em artigos na imprensa, sempre com a preocupação de interpretá-las com fidelidade. Por isso, em dezembro de 1965, foi distinguido com o convite do governo para integrar como Embaixador a Missão Especial à Clausura do Concílio, em Roma, onde foi agraciado com a medalha de prata que assinalou a sua participação no evento.

Na Universidade Católica, ficou ainda por pouco tempo. Desde 1951, em mais de dez anos, a princípio no Curso de Jornalismo, e depois também no Curso de Letras, e em turmas de bom nível e alguns excelentes alunos, fora um professor acatado e admirado, apesar da rigidez e intransigência com que cumpria as suas tarefas, o que pudemos observar atuando ao seu lado na condição de professor assistente²⁶. Porém, ao retornar às aulas na PUC em

²⁶ Entre os anos de 1951 e 1968, teve o autor deste relato a oportunidade de trabalhar sob a direção de Gládstone Chaves de Melo em duas situações diversas: até 1954, como secretário particular para ajudar a organizar o seu arquivo e correspondência na Câmara dos Vereadores; de 1954 a 1968, como professor assistente na Pontifícia Universidade Católica (encarregado de substituí-lo nos anos em que se afastou do Brasil para o desempenho do cargo de Adido Cultural em Lisboa, de 1962 a 1964).

1965, naquele clima de agitação política e religiosa que tomou conta do país, e em turmas cujo nível baixara muito e em que as mesmas exigências feitas antes se tornaram insuportáveis, muitos óbices dificultaram a continuação do mesmo trabalho. Afinal, em novembro de 1968, com o agravamento dos problemas, nós ambos, ele e o seu modesto assistente, tomamos a decisão extrema de nos afastarmos da Universidade, como única solução possível em momento de sérias tensões na vida universitária.

Nos anos de 1968 e 1969, ao lado do autor deste relato, de Gustavo Corção e de outros amigos, foi um dos principais fundadores do Centro de Cultura Humanística, e Presidente da instituição, que teve vida efêmera. Em seguida, integrou-se no movimento da Permanência, que reuniu muitos representantes do pensamento católico, afastados do Centro Dom Vital, por divergências com os rumos tomados pelo grupo sob a liderança de Alceu Amoroso Lima.

Gládstone sempre se opôs com firmeza ao que julgava exageros ou falsas interpretações das reformas em boa hora instituídas pelo Concílio Vaticano II. No pontificado do Papa Paulo VI, solidário com o grande pontífice, incumbiu-se de traduzir e divulgar num opúsculo um dos mais importantes documentos de autoria do Papa: o *Credo do Povo de Deus*, que fez imprimir e cujos exemplares ele mesmo distribuía a quantos se interessassem por conhecer o pensamento de Paulo VI, vinculado à ortodoxia católica.

Data também de 1968 a sua indicação para membro do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, a cujas sessões compareceria regularmente até o fim da vida. Na companhia de ilustres figuras da vida cultural brasileira, e tendo a grata satisfação de conviver com amigos especiais como José Artur Rios, o Padre Fernando Bastos de Ávila, Marcial Dias Pequeno, Manuel Diegues Júnior, Dario de Almeida Magalhães, Artur César Ferreira Reis, Djacir Meneses e outros mais, ajudou a valorizar a instituição, com as palestras proferidas e divulgadas pelas páginas da revista *Carta Mensal*, editada com regularidade²⁷.

Em 1970, por iniciativa de amigos que queriam vê-lo em posições de relevo em órgãos normativos do governo nas áreas de educação e cultura, foi alçado ao posto de membro do Conselho Federal de Educação, a que renunciou para ser nomeado em seguida membro do Conselho Federal de Cultura, onde se manteve até o ano de 1972. Foi de sua autoria a proposta aprovada pelo

²⁷ V. na bibliografia final a relação dos mais de 50 artigos de Gládstone publicados na revista *Carta Mensal*, de 1969 a 2001.

Conselho em 1971 para que no ano seguinte se celebrasse condignamente no Brasil o quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões²⁸.

Em 1972, outra surpresa: distinguido pelo convite do então Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Mário Gibson Barbosa, que o tivera muitos anos antes como professor particular em sua preparação para o ingresso na carreira diplomática, Gládstone Chaves de Melo voltaria ao exercício do cargo de Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa. Nele se manteve até o ano de 1974, retomando o trabalho de aproximação Brasil – Portugal e divulgando pelas páginas do *Diário de Notícias* de Lisboa, numa série de sessenta e cinco artigos semanais, muitos aspectos da história e da vida cultural brasileira²⁹. Serviu sob a direção de dois Embaixadores especiais, com os quais não teve aproximação maior: o ex-Ministro da Justiça Gama e Silva e o General Carlos Alberto da Fontoura. Recolhido à sua sala de Adido Cultural, como tivemos oportunidade de observar pessoalmente, em passagens por Lisboa no mês de novembro de 1972 e nos meses de junho a agosto de 1974, cumpria com independência o que julgava o seu dever de contribuir para o reconhecimento dos valores da cultura brasileira em Portugal e da cultura lusíada no Brasil. Em 1974, pudemos testemunhar que ele recebia com frequência em sua sala a visita de um professor brasileiro da área de História exilado em Lisboa, que tivera os direitos políticos cassados em razão de torpe intriga em que o envolveram, e o recebia sem dar satisfações ao General-Embaixador, que fora chefe do SNI no Brasil, por estar convencido de que esse professor fora vítima de violência indesculpável.

À importância da atividade diplomática de Gládstone Chaves de Melo fez referência recentemente o Professor Aníbal Pinto de Castro, Catedrático de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e Diretor da Biblioteca

²⁸ Por decisão do Ministro da Educação e Cultura Jarbas Passarinho, foi instituída por portaria de 19 de agosto de 1971 a comissão nacional para organizar e dirigir as comemorações camonianas, integrada por Artur César Ferreira Reis (Presidente), Pedro Calmon (Vice-Presidente), Gládstone Chaves de Melo, Renato Soeiro, Max Justo Guedes, Fernando Simas Magalhães, Jannice de Mello Monte-Mor, Antônio Rodrigues Tavares, Maria Alice Barroso, Austregésilo de Ataíde, Sílvio Elia, Américo Jacobina Lacombe, Antônio Joaquim de Figueiredo e Maximiano de Carvalho e Silva. No conjunto de realizações da Comissão figura a edição escolar de *Os Lusíadas* realizada por um grupo de colaboradores sob a coordenação de Gládstone Chaves de Melo e Sílvio Elia. Em novembro de 1972, em Lisboa, como um dos representantes da Comissão, o então Adido Cultural na Embaixada do Brasil teve participação destacada na I Reunião Internacional de Camonistas.

²⁹ V. na bibliografia final a relação desses artigos.

Geral da Universidade, num verbete da enciclopédia *Biblos*, onde como testemunha pessoal de muitos lances na vida do nosso homenageado ressaltou “a competência e alto sentido cultural com que ocupou o posto de Adido Cultural à Embaixada do Brasil em Lisboa”. Foi o grande prestígio por ele alcançado em Portugal e em alguns outros países que o fez convidado especial de programas patrocinados por instituições culturais e educacionais de renome e autor de verbetes de obras coletivas como o *Dicionário de Literatura* [Portuguesa, Brasileira e Galega], *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* e *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, editadas em Lisboa sob as direções respectivamente de Jacinto do Prado Coelho (a primeira) e de João Bigotte Chorão (as outras duas). Registre-se ainda que a Universidade de Coimbra, em cerimônia realizada a 24 de outubro de 1993, lhe conferiu o título de Doutor Honoris Causa, e que então exprimiu as razões da homenagem em nome da comunidade universitária o seu amigo Aníbal Pinto de Castro ³⁰.

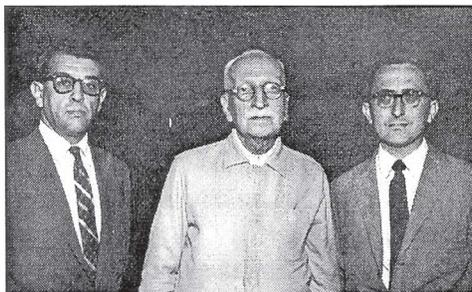
1.1.5 - Magistério: a vocação principal.

Ao fim de tudo, no retrospecto da vida de Gládstone Chaves de Melo, percebe-se com nitidez que a sua atividade preferida foi a do magistério. Apenas ocupou cargos efetivos do serviço público federal no ensino superior de Letras, mas paralelamente procurou transmitir os conhecimentos acumulados em anos e anos de estudos e pesquisas de formas as mais diversas, inclusive através dos escritos numerosíssimos, relacionados em sua bibliografia no final deste artigo.

Como servidor público atuou de 1941 a 1977 no curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e de 1962 a 1987 nos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense.

Vimos também que exerceu o magistério particular na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora – MG (de 1950 a 1952) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (de 1951 a 1968). Ministrou inúmeros cursos e participou de outras importantes atividades (congressos, seminários, bancas examinadoras etc.) em instituições universitárias e culturais de várias cidades brasileiras e no estrangeiro (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha).

³⁰ O número 8 da revista *Confluência* (2º semestre de 1994), após breve referência à cerimônia de entrega do título, transcreveu o texto original em latim e a tradução do discurso de agradecimento proferido pelo homenageado.



Sousa da Silveira entre os seus discípulos Gládstone Chaves de Melo e Maximiano de Carvalho e Silva (foto de 1962).

Na análise dessa profícua e variada atividade docente, se por um lado é preciso destacar aqueles anos iniciais na Faculdade Nacional de Filosofia, sob as vistas de Sousa da Silveira, por outro lado não pode deixar de ser reconhecido que se deve às condições propiciadas pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense a amplitude maior que teve para a transmissão dos seus conhecimentos gerais. Foi ele na UFF professor de diversas matérias, na graduação e na pós-graduação: *Linguística Portuguesa, Estilística Portuguesa, Crítica Textual, Cultura Brasileira*. Participou da criação do Mestrado em Letras, integrando de 1970 a 1975 com os seus colegas Maximiano de Carvalho e Silva e Rosalvo do Valle a comissão, designada pelo chefe do Departamento de Linguística e Filologia, Professor Carlos Eduardo Falcão Uchoa, para tomar decisões normativas quanto ao funcionamento do curso, e de 1974 a 1987 ministrou aulas de diversas disciplinas de Língua Portuguesa e foi orientador firme e atento de dissertações de mestrado. Após a aposentadoria por limite de idade, como Titular de Língua Portuguesa, teve de interromper inclusive os cursos avulsos de Iniciação à Filosofia e de Língua Latina que ministrava a pedido de alunos do Mestrado, com grande proveito e boa frequência, para atender a deficiências que prejudicavam os seus estudos.



Da esquerda para a direita, Gládstone Chaves de Melo, Maximiano de Carvalho e Silva e Rosalvo do Valle.

Retomou todavia as atividades de ensino e pesquisa a partir de 1990, quando a convite do Dr. Antônio Gomes da Costa passou a integrar a diretoria do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, com os seus colegas e amigos Sílvio Elia, Maximiano de Carvalho e Silva, Evanildo Bechara, Nilza Campelo e Antônio Basílio Gomes Rodrigues. Isto lhe permitiu continuar a dar aulas, a fazer palestras e conferências e a escrever artigos para a seção “Na Ponta da Língua” do jornal *O Mundo Português* e para a revista *Confluência*, sempre movido pelos impulsos da ação missionária que imprimia a tudo que lhe era confiado. No Liceu, foi sempre uma presença marcante, tão estimulante pelos exemplos de vida e de dedicação ao trabalho que deu enquanto lhe permitiram as forças debilitadas pelos problemas de saúde.

1.1.6 - Últimos anos de vida.

O grande abalo que sofreu Gládstone Chaves de Melo no fim da vida foi o da perda de sua esposa Cordélia, ocorrida a 17 de fevereiro de 1995. Ela, que depois de casada passou a assinar-se Cordélia Rodrigues Chaves de Melo, revelou-se desde cedo uma figura extraordinária, ao mesmo tempo firme, corajosa e intransigente na defesa dos princípios que nortearam a sua formação moral e religiosa, e doce e compreensiva no trato com os seus familiares e amigos devotados. Muito inteligente e culta, acompanhou e participou de perto de todos os lances da vida familiar e da vida cultural do marido; a este prestou inclusive colaboração intelectual, em várias ocasiões, como está registrado, por exemplo, na dedicatória impressa que Gládstone Chaves de Melo incluiu em sua edição do romance *Quincas Borba* publicada em 1973 pela editora Melhoramentos, de São Paulo³¹.

Imaginava-se que não resistiria muito tempo a essa separação. Viveu no entanto mais seis anos, na mesma casa de número 10 da Rua Cosme Velho 354, onde continuou cercado das atenções dos seus filhos, genro, noras e netos, e onde passou a morar a sua muito dedicada irmã Maria Emília, para fazer-lhe companhia.

Naquele homem tão avesso a exteriorizações sentimentais operou-se como por milagre uma mudança que o tornou mais comunicativo, mais apegado aos amigos, a ponto de fazer o que antes lhe era muito difícil ou muito penoso:

³¹ “A minha esposa Cordélia, devota de Machado de Assis, colaboradora eficaz e preciosa no preparo desta edição”.

falar-lhes longamente por telefone, para exprimir o seu interesse pelo que cada um estava fazendo.

No Liceu Literário Português, escolhido para ser o sucessor de Sílvio Elia como Diretor Geral do Instituto de Língua Portuguesa, teve o último posto de relevo na vida profissional, contando com o carinho e respeito dos dirigentes e dos funcionários da instituição.

Levado pelo colega e amigo Evanildo Bechara, passou a freqüentar sessões da Academia Brasileira de Filologia, onde sob a presidência de Leodegário Amarante de Azevedo Filho os seus pares sempre o recebiam com demonstrações de altíssimo apreço. Comoventes foram os seus reencontros com o colega Antônio José Chediak, decano da Academia, contemporâneo nos tempos de estudo na cidade de Campanha. Numa das vezes, em sessão especial, foi homenageado e ouviu altos louvores de vários acadêmicos, que nele reconheciam uma das mais ilustres e dignas figuras da Academia.

Sua vida foi-se extinguindo aos poucos, permanecendo ele em estado de lucidez, mas com a memória grandemente enfraquecida. A morte ocorreu no dia 7 de dezembro de 2001, e o sepultamento no dia seguinte. Na capela do cemitério de São João Batista, onde o corpo foi velado, houve missa celebrada pelo monge beneditino D. Justino de Almeida Bueno. Em seguida, um cortejo levou o corpo ao cemitério do Jardim da Saudade, onde foi sepultado, falando então em nome dos presentes para assinalar aquele momento o amigo de velha data Antônio José Chediak, que não deixou de lembrar os tempos do convívio na cidade de Campanha. Dias depois, no Mosteiro de São Bento, D. Irineu Penna, do grupo dos amigos mais antigos e mais identificados com o homenageado na fidelidade aos princípios da formação moral e religiosa, celebrou a missa de 7^o dia.

Apenas uma nota no obituário do jornal *O Globo* registrou a morte de quem fora por tantos títulos uma grande figura da vida cultural brasileira e exercera na vida pública exemplarmente e com pesados sacrifícios pessoais os cargos de vereador e deputado estadual. No *Jornal da PUC*, de dezembro de 2001, como já tivemos ocasião de dizer, Fernando Ferreira fez questão de sublinhar nos devidos termos os altos méritos da atuação magisterial e da atuação política do seu antigo professor no Curso de Jornalismo da Universidade. Em sessão especial da Academia Brasileira de Filologia realizada no dia 23 de março, por determinação do Presidente da instituição, a que compareceu a família do homenageado, lembraram diversos aspectos da sua vida e obra os acadêmicos Maximiano de Carvalho e Silva (orador designado), Rosalvo do Valle, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Hilma Ranauro

e Agenor Ribeiro, falando em seguida em nome dos filhos Paulo de Tarso Chaves de Melo.

Também na Academia Brasileira de Letras teve registro a morte do grande servidor da vida cultural e política brasileira, nas palavras de vários acadêmicos, entre os quais os que mais com ele conviveram, como Afonso Arinos Filho e Evanildo Bechara.

1.2 – TRAÇOS DA PERSONALIDADE.

Em artigo publicado pelo jornal *Tribuna da Imprensa* de 11/9/1950, de propaganda da candidatura a vereador de Gládstone Chaves de Melo, o escritor Gustavo Corção fez dele o seguinte retrato, a pedido de um leitor:

É um homem magro, de estatura um pouco abaixo da mediana, moço, mineiro, cheio de irmãos, de filhos, de discípulos, de amigos, de afilhados e de admiradores. Acorda cedo, é católico desde a infância, reunindo a firmeza dos que sempre foram católicos ao entusiasmo dos que se converteram recentemente. É pontual na missa, e pontual nas visitas que faz, não sei quantas vezes por semana, escalando morros, para levar aos pobres o conforto e a mensagem de São Vicente de Paulo. Sabe que Maritain não é liberal, que Bernanos não foi um herético. Tem o retrato do Brigadeiro em sua sala. Nunca foi integralista. Nunca procurou torcer as encíclicas dos papas para dar razão à Federação das Indústrias. É um homem bom, inteligente e reto, que tem a raríssima virtude de bem cumprir a tarefa que aceitou. Modesto, de poucas demonstrações, incapaz de tirar o casaco e de abraçar gente na rua para arranjar um voto, incapaz de fazer discursos com voz de papo, tem a cara fechada e a boa antipatia dos sujeitos que levam profundamente a sério uma aproximação humana.

Nessas palavras, Corção fixou, com a rara acuidade de que era dotado para analisar pessoas e acontecimentos vários, alguns dos traços mais característicos do físico (aos 33 anos de idade) e da personalidade de Gládstone Chaves de Melo e mencionou algumas das circunstâncias em que desenvolveria a sua longa vida. Homem bom, inteligente e reto, era no entanto por temperamento incapaz de exteriorizações que facilitassem a sua aproximação com os seus semelhantes. Nele se evidenciavam logo os indicadores da origem mineira, da formação católica que recebera, da educação rigorosa que o fazia tão aferrado ao cumprimento do dever. Era de uma franqueza e sinceridade muitas vezes rude, e quase não sabia ocultar ou disfarçar o que sentia ou o que pensava.

Por tudo isto, imprimindo sentido missionário em tudo o que fazia, enfrentando com fé inabalável e ânimo forte todas as dificuldades no caminho, deu ao longo da vida familiar e da vida profissional admiráveis exemplos de firmeza, dignidade, coragem e decisão no cumprimento dos deveres e das atribuições que lhe eram propostas, norteado pelos princípios religiosos que abraçara e pela compreensão do verdadeiro sentido da existência humana.

Era impressionante e bem sensível, para os que acompanhavam mais de perto a sua trajetória, o amor à terra natal – a cidade de Campanha, onde tinha tantos amigos – e o apego à família. Ele, que no Rio de Janeiro teve a felicidade de ver na mãe e nos irmãos e cunhados pessoas dignas e fiéis aos mesmos princípios morais e religiosos, considerava um dever indeclinável visitá-los aos domingos, deslocando-se de Laranjeiras ao bairro distante do Grajaú, sempre na companhia de Dona Cordélia, nora e cunhada que muito se afeiçoou à família do marido.

Os amigos mais antigos e mais próximos tiveram desde logo exata noção das suas posições ideológicas de católico convicto e defensor dos princípios da doutrina social da Igreja, tão bem expressa nas encíclicas de Leão XIII (*Rerum Novarum*) e Pio XI (*Quadragesimo Anno*), e da democracia cristã, de que fala Jacques Maritain no seu luminoso livro *Cristianismo e Democracia*.

Espírito polêmico, dispôs-se como escritor e no exercício do jornalismo a rebater com argumentos mas também com as armas da ironia, que sabia manejar como poucos, as falsas idéias dos regimes políticos totalitários (comunismo, fascismo e nazismo) e as manifestações de nacionalismo exacerbado como foram no Brasil o Integralismo de Plínio Salgado e o Estado Novo de Getúlio Vargas. Opondo-se também aos desmandos da sociedade burguesa e à prevalência dos falsos valores determinada pelo poder e pela riqueza, empolgou-se pela pregação de Frederico Ozanam em favor dos pobres como vítimas de uma economia sob o domínio do capitalismo desenfreado que os condena à marginalidade.

Em linguagem muito incisiva e clara e com a eloquência de quem se julgava na defesa da verdade, impressionava leitores e ouvintes com uma capacidade dialética que o fez admirado até mesmo de oponentes das suas idéias, e que contribuiu para a conversão de alguns deles à fé católica ³².

³² A escritora e ex-vereadora do Partido Comunista Lia Correia Dutra, conhecendo-o no exercício das suas funções de taquígrafa da Câmara dos Vereadores, dele se aproximou e se fez grande amiga para sempre, e por seu intermédio converteu-se ao catolicismo com o auxílio de monges do Mosteiro de São Bento.

Nessas manifestações suas sobre temas polêmicos e apaixonantes não sabia fazer concessões aos adversários, não sabia resistir à tentação de uma palavra condenatória mais dura e muitas vezes dispensável e até excessiva, enfim não sabia fazer nada para atenuar o juízo que podiam fazer dele os que, não estando em sintonia com o seu pensamento, não tinham condições de entender e relevar as suas posições extremadas. Isto lhe custou caro, inclusive a odiosidade ou a dura incompreensão por parte de muitos adversários, em absoluto contraste com a admiração que lhe votavam tantos amigos e discípulos fiéis.

Durante todo o período da chamada Revolução de 1964, embora tivesse apoiado o movimento no seu nascedouro, teve ensejo de lamentar e reprovar os excessos de autoridades civis e militares na repressão a opositores do regime. Mas não o fazia de público, pois vivia atemorizado com os avanços da ideologia totalitária do marxismo-leninismo no mundo. Teve gestos de solidariedade em relação a pessoas injustamente atingidas pela repressão, e disso é exemplo a atitude que tomou de visitar sem demora e sem hesitação, na nossa companhia, para exprimir-lhe profunda indignação, um ilustre colega de magistério que tivera o apartamento residencial invadido por agentes do governo à procura de comprovações do envolvimento da filha do referido professor em ações de contestação do regime militar.

De trato difícil com o comum das pessoas, em razão do seu temperamento, transformava-se por completo quando as circunstâncias contribuía para desfazer as barreiras que o deixavam à distância. Na familiaridade que se formava então, expunha ao vivo os traços da mineiridade, em conversas soltas e descontraídas, e recheadas de bom humor e fina ironia. Era o que acontecia em sala de aula, depois dos primeiros dias em que os alunos, vendo-o tão sério, de cara fechada, e sabendo por informações alheias que era um professor muito exigente, o imaginavam inabordável. Tornava-se capaz de exprimir em gestos extremos o seu interesse pelo próximo e o desejo de ajudar a resolver os problemas de que tinha conhecimento, principalmente os de natureza religiosa.

2 – A OBRA.

2.1 - ATIVIDADE INTELECTUAL.

Em cerca de sessenta e cinco anos de atividades ininterruptas de ensino e pesquisa, Glástone Chaves de Melo alcançou merecida projeção no Brasil e em Portugal e em centros culturais de vários países onde se estuda a língua portuguesa, como autor de numerosos trabalhos (livros e escritos dispersos e inéditos). Esses trabalhos lhe conferem o lugar de um dos pioneiros da renovação dos estudos doutrinários, culturais, lingüísticos e literários no mundo da lusofonia. Representam invulgar contribuição ao estudo da cultura humanística e particularmente ao desenvolvimento das ciências da linguagem, já devidamente analisada em artigos e notas de altos louvores por mestres como Serafim da Silva Neto, Matoso Câmara Júnior, Sílvio Elia e muitos outros.

Os ensaios e estudos que compõem a bibliografia do autor de *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa* tratam dos seguintes temas: a) Filosofia, Teologia e Cultura Religiosa; b) Política e Direito / Pedagogia e Didática; d) Cultura e Literatura Brasileira; e) Cultura e Literatura Portuguesa; f) Filologia e Lingüística Portuguesa e Galega.

Na leitura e análise crítica de tais escritos, não se pode deixar de reconhecer em sua consciência que o autor tudo fazia impulsionado por impressionante e indeclinável noção do dever de contribuir para que prevalecessem no mundo as mensagens evangélicas, a doutrina da Igreja e os princípios da lei natural, e no campo estrito das ciências da linguagem para que se divulgassem os melhores ensinamentos. Como marcas pessoais, sempre se têm de perceber aqui e ali as suas posições extremadas muitas vezes, a sua maneira de exprimir de forma contundente os pontos de vista, o seu radicalismo, a sua intransigência.

Nessa atuação, ressaltam como traços dominantes: a fé inquebrantável de católico fervoroso, na linha de fidelidade ao magistério da Igreja; o amor à família e aos verdadeiros bens familiares; a dedicação ao ensino, exercido com estrita noção dos deveres e responsabilidades; o sentido missionário que imprimiu às atividades de escritor; o desapego dos bens materiais; a constância na defesa do que considerava os ideais da vida democrática, e na defesa do bem comum, comprovada sobretudo nos anos em que exerceu os cargos de vereador e deputado estadual no Rio de Janeiro (1951 a 1962); a participação na luta contra os falsos

valores e as seduções do poder e da riqueza como instrumentos de dominação da sociedade; a solidariedade aos pobres como as maiores vítimas das injustiças sociais; o apreço ao que julgava melhor e mais significativo na cultura brasileira; o empenho de ressaltar a importância da herança cultural que Portugal nos legou, e de exaltar os aspectos positivos da colonização portuguesa; a valorização da cultura humanística e dos estudos clássicos; o trabalho de estudo e exegese das obras-primas de escritores clássicos de todas as épocas, e de defensor da língua literária como expressão dos altos anseios da cultura de um povo; e finalmente, como uma das maiores preocupações do seu espírito, a propagação dos métodos tidos como mais adequados para o mais amplo conhecimento das riquezas e potencialidades da língua portuguesa.

Não será difícil ao leitor e ao observador mais exigente apontar deficiências, falhas e até erros ocasionais nos escritos de Gládstone Chaves de Melo, tão espantosamente numerosos, ou discordar de atitudes ou de posições ideológicas suas que se considerem inaceitáveis, exageradas ou discutíveis. Mas é o caso de dizer: em que obra de um grande autor, a não ser por exceção muito rara, só se encontram verdades inquestionáveis e um estilo perfeito e irretocável? em que exemplo da vida tudo é perfeito, tudo está de acordo com as exigências mais altas do padrão de vida cristã? Ele mesmo admitiu mais de uma vez ter plena consciência dessa realidade, em manifestações da sua vida pessoal, e nos escritos de sua autoria. Diz, para citar apenas um exemplo, no prefácio da quarta edição de *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*: “receberemos como gratíssimo favor as observações, sugestões e principalmente correções que caridosamente nos queiram enviar os entendidos”; e fez as modificações e correções que a consciência lhe impôs ao reeditar os seus trabalhos. Não é de estranhar, portanto, que no diálogo de tantos anos com ele mantido por alguns dos seus verdadeiros amigos, discípulos ou admiradores tenha havido, a par de muita concordância em relação aos pontos básicos da sua atuação, discordâncias ou objeções referentes a afirmações ou lições nos seus escritos e a posições assumidas que pareceram descabidas ou demasiado rígidas. Quem diz isto sente-se à vontade para fazê-lo, pois considerando-se seu discípulo, tendo com ele aprendido lições fundamentais³³ e estando de acordo com grande parte do que ele fez e escreveu, nunca deixou

³³ Na nossa edição crítica do romance *Ubirajara*, de José de Alencar, publicada em 1970 pela editora Melhoramentos, de São Paulo, está a seguinte dedicatória: “A Gládstone Chaves de Melo, autor da primeira edição crítica de José de Alencar, com quem aprendemos a técnica do estabelecimento do texto, da preparação dos originais e da revisão tipográfica, nos anos de 1946-1947”. A partir daí, com ele aprendemos muito mais, como já foi dito em outras oportunidades.

no entanto de manifestar-lhe discordâncias em questões secundárias mas também relevantes, e é testemunha de que, quando convencido da validade de tais objeções, não se negava ele a levá-las na devida conta, como imperioso dever de consciência ³⁴.

2.2 - OBRAS PRINCIPAIS.

2.2.1 – Filosofia, Teologia e Cultura Religiosa.

A vocação missionária e a vocação de escritor conjugadas fizeram de Gládstone Chaves de Melo um constante divulgador dos princípios filosóficos e teológicos que embasaram a sua formação e das verdades da religião que abraçara, e foi este caminho seguramente uma das prioridades absolutas que nunca deixou de levar em conta.

A profundidade dos estudos que realizara o fazia ver como poucos os desconcertos do mundo. Pelo que está arrolado na sua bibliografia pode-se notar que, do início das atividades de escritor ao fim da vida, sempre reservou espaço para a publicação das suas reflexões de caráter filosófico, religioso, doutrinário e político, nunca deixando de expressar as suas convicções, sem medir conseqüências e sem temer as represálias que poderia sofrer pelo seu desassombro.

São particularmente importantes para o conhecimento das suas posições doutrinárias em defesa do bem comum os artigos que publicou desde 1937 ao fim da vida, incansavelmente, obstinadamente, em jornais e revistas como *A Ordem*, do Centro Dom Vital, *Carta Mensal*, publicação da Confederação Nacional do Comércio, *Pelo Bem Comum*, periódico elaborado na cidade de Mendes (RJ) e impresso no Rio de Janeiro. Os pequenos artigos de *Pelo Bem Comum* atestam com eloqüência as suas preocupações com os valores eternos

³⁴ Logo no começo do nosso trabalho de assistente no curso de Jornalismo da PUC, manifestamos ao Professor Gládstone a nossa discordância em relação ao programa de Língua Portuguesa que organizara para o ensino da matéria, e fizemos-lhe ver que era programa de curso de Letras, com uma carga de estudos históricos excessiva para os alunos de Jornalismo. Diante das razões apresentadas, e após apenas alguma relutância, ele atendeu integralmente às nossas sugestões, dando-nos com isso uma lição de compreensão e interesse de fazer o melhor que muito nos marcou para sempre.

e com a divulgação dos ensinamentos da mensagem cristã nos anos finais de sua vida, de 1992 a 2001. Esse conjunto de escritos deveria estar reunido num volume, ao alcance de muitos leitores, mas isto dificilmente acontecerá, inclusive porque de modo geral o mercado editorial está mais preocupado com as vendas do que com a difusão de bons ensinamentos, ficando assim à mercê dos aventureiros que se dispõem a escrever sobre qualquer assunto, sem a preocupação da busca da verdade que distingue os bons autores.

2.2.2 – Política e Direito / Pedagogia e Didática.

As concepções políticas que assimilou e o tornaram um convicto defensor do modelo de vida democrática, exprimiu-as ele de várias formas e em várias ocasiões, como em 1968 no opúsculo *Considerações Sobre Democracia*, em que se lê:

Como *sistema*, a democracia compreende determinado número de princípios políticos, entre os quais ressaltam o respeito pela dignidade da pessoa humana, a liberdade de pensamento e de ação, ordenados ao bem comum, a igualdade fundamental dos cidadãos perante a lei, a igualdade de oportunidades, a participação efetiva de todo o povo na elaboração das leis. [...]

Como *ideal*, a democracia representa o antiqüíssimo anseio de toda a humanidade, de todos os povos, de todo homem que não tenha alma de escravo - esse anelo por ver reconhecida sua qualidade de pessoa, intangível, de ver respeitados seus direitos naturais, inalienáveis e imprescritíveis, direito de realizar sua vocação pessoal, de adorar e servir a seu Deus, conforme os ditames mais íntimos de sua consciência, de livremente constituir família, de educar os próprios filhos, de não ser constringido nem oprimido, de não ser inferiorizado, de, como homem, ser tratado como homem.³⁵

Na defesa dessas idéias, foi implacável na condenação dos que, apresentando-se como filiados à Igreja Católica, deixaram de levar em conta o pensamento da Igreja, manifestado em encíclicas papais e em documentos do Vaticano, a respeito dos regimes totalitários que no século XX se assenhorearam do poder em tantas nações do mundo ocidental: o comunismo, o fascismo e o nazismo em todas as suas manifestações.

³⁵ Op. cit., Rio de Janeiro, Presença, 1986, p. 13.

Tendo sido um dos intelectuais brasileiros que viram com bons olhos, como também o seu amigo Gustavo Corção, a revolução que em Cuba, no ano de 1958, pôs abaixo a nefasta ditadura de Fulgencio Batista, a serviço de interesses espúrios norte-americanos, pouco mais adiante, veria com desgosto o líder da revolução cubana desdizer as suas afirmações anteriores de fidelidade aos ideais da vida democrática, declarando-se marxista-leninista e instalando no país uma feroz ditadura, que desde logo passou a perseguir implacavelmente os adversários e a tomar medidas de alto alcance repressivo para impedir o funcionamento dos cultos religiosos cristãos em toda a ilha. Por isso, Gládstone Chaves de Melo tomou-se de aversão ao regime de Fidel Castro, a mesma aversão que manifestava em relação a regimes despóticos ou corruptos nas Américas. Sobre este assunto publicou em 1989 um outro opúsculo – *Cuba, Fidel, o Frade e o Arcebispo*³⁶, onde sem nenhum receio de dar nome aos bois critica algumas destacadas figuras da Igreja Católica envolvidas na campanha de glorificação de Fidel Castro como o grande opositor do imperialismo norte-americano, mesmo depois de desmascarado como vassalo do imperialismo soviético.

Por outro lado, por repudiar igualmente, fiel às pregações da sua Igreja, a prevalência do sistema liberal-capitalista no domínio da sociedade, e as terríveis conseqüências que acarreta, como a corrupção sob todas as suas formas, deixou registradas em páginas memoráveis³⁷ os pontos de vista de quem acreditava numa outra ordem social que preserve os direitos fundamentais da pessoa humana tão menosprezados pelos detentores do poder em tantas nações ditas civilizadas no mundo contemporâneo.

2.2.4 – Cultura e Literatura Brasileira.

Em numerosos artigos e livros Gládstone Chaves de Melo exprimiu os seus conhecimentos e juízos críticos sobre a história da cultura e da literatura brasileira.

Para as já citadas obras coletivas em que colaborou, editadas em Portugal, escreveu verbetes de maior ou menor extensão, os quais são importantes porque revelam as suas concepções literárias, mas apresentam aqui e ali deficiências

³⁶ Rio de Janeiro, Presença, 1989, 31 p.

³⁷ V. “O Problema da Liberdade”, em *A Ordem*, nov. 1946, “Sobre o Problema da Riqueza”, *A Ordem*, jul.-ago. 1949.

e imperfeições e juízos menos felizes de quem a rigor não era um especialista na matéria.

Entre os nossos autores, mereceram dele mais profunda e mais demorada atenção, para o estudo do que representam como expoentes da literatura brasileira ou das características marcantes da sua língua e estilo, as figuras de José de Alencar, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Rui Barbosa, Alphonsus de Guimaraens, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade.

José de Alencar foi o primeiro dos autores brasileiros a merecer dele maior atenção, desde os anos de 1943-44 em que elaborou e publicou a tese de livre-docência *Alencar e a “Língua Brasileira”* com a finalidade de pôr abaixo a falsa noção de que o autor de *Iracema* defendia a existência de uma língua no Brasil diferente estruturalmente da língua de Portugal ³⁸.

Para o estudo da língua e estilo de Gonçalves Dias deixou a contribuição da tese com que ascendeu em 1986, já no final da carreira, ao cargo de Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense ³⁹.

Leitor minucioso da obra poética de Alphonsus de Guimaraens, reunida pela primeira vez na edição crítica publicada em 1938 por Manuel Bandeira e João Alphonsus, nela soube realçar a utilização de recursos estilísticos, em primorosas observações que recheiam as notas do volume sobre o poeta de Mariana lançado em 1958 pela Coleção Nossos Clássicos da Livraria Agir Editora ⁴⁰.

Na obra de Machado de Assis viu muito mais dos que as singularidades do extraordinário escritor que ele foi, o que está expresso em artigos e opúsculos como “Machado de Assis, Defensor do Homem” e outros. ⁴¹

³⁸ Na bibliografia de Gládstone Chaves de Melo um dos principais livros é a sua edição crítica e comentada do romance *Iracema (Lenda do Ceará)*, que traz como apêndice a reedição da tese de livre-docência *Alencar e a “Língua Brasileira”*.

³⁹ O trabalho foi publicado como livro pela Editora da Universidade Federal Fluminense: *A Excelência Vernácula de Gonçalves Dias*, Niterói, EDUFF, 1992, 225 p.

⁴⁰ *Alphonsus de Guimaraens – Poesia*, Rio de Janeiro, Agir, 1958, 123 p. (3ª ed. corrigida e melhorada: 1976).

⁴¹ Coimbra, 1964. 32 p. [Separata da revista *Brasília*, vol. XII.]

Origem, Formação e Aspectos da Cultura Brasileira.

Por força das circunstâncias, Gládstone Chaves de Melo foi levado a dedicar maior atenção ao estudo da nossa formação histórico-cultural, e a se pronunciar sobre os valores culturais em causa, logo nos primeiros anos da sua atividade de escritor.

A sua visão de muitos relevantes aspectos da vida cultural brasileira foi fixada em estudos antigos e novos que, em sua segunda passagem por Portugal como Adido Cultural do Brasil (1973-1974), reuniu no livro *Origem, Formação e Aspectos da Cultura Brasileira*⁴², e nos 65 artigos semanais publicados no *Diário de Notícias* de Lisboa.⁴³

Ele próprio esclarece no Prefácio da obra acima citada, datado de dezembro de 1973:

Este livro, pensado e escrito no Brasil, vem à luz em Portugal, depois de mil peripécias que não interessam ao leitor.

É resultado de uma longa meditação sobre coisas brasileiras e fruto, por assim dizer imediato, de cursos que dei em Niterói, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, e na Faculdade de Letras de Coimbra.⁴⁴

É de ressaltar que contribuiu para a melhor organização e clareza das suas exposições, sobre matéria tão vasta e de tantos aspectos controvertidos, a experiência a que se refere de aulas em Niterói e em Coimbra, em contato com alunos de nível de conhecimentos e interesses culturais bem diversos, a quem prestou o grande benefício de fazê-los refletir sobre temas de interesse comum luso-brasileiro.

Convencido de que a obra da colonização portuguesa do Brasil deve ser exaltada como feito extraordinário, sem desconhecer e pôr de lado os seus aspectos negativos, achou também que devia transmitir aos leitores os dados acumulados em sua visão histórico-cultural. Fez isto movido pelo propósito de valorizar o que herdamos de Portugal em nossa formação nacional. Tornou-se assim um contestador das idéias de pensadores e ensaístas que representam

⁴² Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1974, 279 p.

⁴³ V. relação dos artigos na bibliografia do autor.

⁴⁴ Temos a satisfação de dizer que foi a convite nosso, em 1965, quando assumimos o cargo de Chefe do Departamento de Letras na Universidade Federal Fluminense, que Gládstone Chaves de Melo se dispôs a ministrar as aulas da disciplina de Cultura Brasileira para os alunos do curso de graduação em Letras da UFF.

outra linha de pensamento e passaram a enfatizar, em análises distorcidas dos fatos, o que se fez de errado nos séculos iniciais da nossa história, e a emitir juízos condenatórios de todo o processo da colonização, numa posição anacrônica de condenar o passado à luz dos conceitos ulteriores que permitiram, no avanço da civilização, uma mudança de mentalidade em relação a práticas até certa época consideradas perfeitamente naturais.

Ao tratar da obra da colonização portuguesa, assim se expressou:

A obra foi feita com miséria e com grandeza, como tudo que é do homem, mas principalmente com grandeza, porque só esta constrói e fica. E o que ficou aí está: é “o mundo que o português criou”, de que somos concidadãos, mundo feito de transportes e de intercâmbios culturais, feito de adaptação aos trópicos, feito de doação e aceitação, de mescla de etnias, de cruzamentos raciais, de incorporação e permuta de elementos europeus, americanos, africanos e asiáticos.⁴⁵

De tudo resultou a firme convicção que exprimiu com as seguintes palavras:

O Brasil realizou uma cultura própria, intimamente ligada à cultura lusitana e à cultura ocidental; conseguiu fazer surgir aquilo a que chamo “humanismo vivo e vivido”; formou uma solidíssima unidade nacional, não extrínseca, não mantida pela força das armas, senão intrínseca, decorrente de um mesmo espírito e uma mesma língua; resolveu todas as suas pendências de fronteira (que por aí fora têm gerado tantas guerras!) por arbitramento, acatando sempre o laudo arbitral, ainda quando contrário às suas pretensões e alegações.⁴⁶

A simples indicação do sumário do livro dá idéia do que nele trata o autor:

PREFÁCIO. // NOÇÕES PROPEDÊUTICAS: / I – Conceito de Cultura Brasileira. / II – Fatores Condicionantes da Cultura. // FORMAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA: / III – O Meio Físico Brasileiro Como Condicionante da Cultura. / IV – Herança Indígena. / V – Herança Africana. / VI – Herança Portuguesa. / VII – O Elemento Dinâmico da Cultura Nacional. / VIII – O Brasil e a América. // ASPECTOS: / IX – A Língua Portuguesa no Brasil. / X – A Literatura do Brasil. / XI – As Artes Plásticas. / XII – Notas Sobre a Música no Brasil. / XIII – O Pensamento Filosófico no Brasil. / XIV – Religião. / XV – Um Contraste: a Atual Crise da Cultura Brasileira e “Vinte Anos de Ouro Preto”. // APÊNDICE: / Origem e Formação da Cultura Ocidental. // BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA.

⁴⁵ Cf. *Origem*, p. 91.

⁴⁶ Cf. *Origem*, “Prefácio”, p. 7.

É pois um livro que merece releitura, mas uma releitura crítica, pois já tem cerca de 30 anos de publicado, e neste espaço de tempo muita coisa nova surgiu para assegurar visão mais precisa e atual de algumas questões que têm sido objeto de agudas controvérsias nos últimos tempos.⁴⁷

2.2.5 – Cultura e Literatura Portuguesa.

Como vimos, Gládstone Chaves de Melo teve sempre o maior empenho em realçar e divulgar o que Portugal representa para a civilização contemporânea e os valores mais significativos da cultura portuguesa. No livro há pouco citado sobre a cultura brasileira e em artigos vários, externou o que pensava a esse respeito, opondo-se com veemência aos que depreciavam a herança portuguesa em nossa formação histórico-cultural.

Desde cedo afeito à leitura dos bons autores antigos e modernos, é natural que desenvolvesse o interesse pela literatura portuguesa, dos textos medievais aos textos modernos, em que tantos exemplos colhia para ilustrar os seus estudos gramaticais, estilísticos e literários.

Com a publicação em 1944 da edição de *A Demanda do Santo Graal*, organizada pelo Padre Magne, teve acesso ao texto integral da obra e ao substancioso glossário incluído no terceiro volume, o que lhe permitiu vida a fora transmitir aos seus alunos da pós-graduação em Letras o mesmo gosto de conhecer essa obra-prima da literatura medieval portuguesa.

Entre os autores da chamada “época clássica” consagrou especial atenção a Gil Vicente, a Luís de Camões, a Frei Luís de Sousa e ao Padre Antônio Vieira. Entre os modernos e contemporâneos devem ser citados Camilo Castelo Branco e Fernando Pessoa entre os que mais leu e apreciou.

Como crítico textual, em várias edições cuidadas deixou a marca da sua preocupação com a divulgação de textos autênticos desses autores: com o seu colega e amigo Sílvio Elia cuidou do planejamento da edição escolar de *Os Lusíadas* publicada em 1972; com Aníbal Pinto de Castro, preparou a edição da *Vida do Arcebispo* de Frei Luís de Sousa, publicada em 1984; e organizou

⁴⁷ Uma das mais sábias lições que recebemos de Gládstone Chaves de Melo, logo nos nossos primeiros contatos em meados da década de 40, foi a de que o argumento de autoridade, como ensina Santo Tomás de Aquino, é de todos o mais fraco: a verdade é verdade não porque A, B ou C o afirmem, mas porque resiste ao crivo das análises mais criteriosas e ponderadas.

para a editora da Universidade Federal Fluminense uma preciosa edição, publicada em 1985, do *Sermão da Sexagésima* do Padre Antônio Vieira, texto de caráter religioso e doutrinário a que votava imenso apreço⁴⁸.

Luís de Camões não era para ele apenas o extraordinário poeta épico e lírico, cuja obra tem sido objeto de profundos estudos nos congressos nacionais e internacionais de camonistas realizados a partir de 1972, o ano da comemoração do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*. Chamado a participar de vários desses congressos⁴⁹, nas suas conferências ou comunicações não tratou tão somente dos assuntos filológicos e lingüísticos referentes à obra camoniana, mas principalmente da formação e visão do mundo de Camões e das lições de vida que nos deu, como se pode perceber já nos títulos dos seus ensaios de interpretação de obras-primas da lírica e da épica camoniana: “Uma Interpretação do Episódio do Velho do Restelo” (1980), “As Concepções Filosóficas e Religiosas de Camões” (1980), “As Regras de Bem Viver em *Os Lusíadas*” (1984), “O *Fatum* e a Divina Providência em Camões”⁵⁰.

2.2.6 – Filologia e Lingüística Portuguesa.

De inegáveis méritos, e com o sentido pioneiro em várias posições assumidas, é a extensa contribuição de Gládstone Chaves de Melo ao desenvolvimento dos estudos filológicos e lingüísticos no Brasil.

Foi nos anos de 1946 a 1951 que ele teve ensejo de ver editados os seus três livros fundamentais sobre a matéria, nos quais aproveitou em boa parte os apontamentos que preparara para as aulas e artigos divulgados pelas páginas de jornais e revistas da época: *A Língua do Brasil* (1946); a edição do texto crítico do romance *Iracema*, de José de Alencar (1948); e *Iniciação à Filologia Portuguesa* (1951).

⁴⁸ V. na bibliografia de Gládstone Chaves de Melo as indicações bibliográficas precisas sobre os principais trabalhos de Crítica Textual que realizou.

⁴⁹ Gládstone Chaves de Melo participou das cinco primeiras Reuniões Internacionais de Camonistas, realizadas em Lisboa (1972), Niterói – Rio de Janeiro (1973), Coimbra (1980), Ponta Delgada (1983) e São Paulo (1987).

⁵⁰ V. as indicações precisas sobre estes trabalhos na bibliografia do final deste artigo.

A Língua do Brasil.

Em novembro de 1946, a Livraria Agir Editora, do Rio de Janeiro, lançava a primeira edição do livro *A Língua do Brasil*. Era um volume de 189 páginas, com dedicatória do autor aos mestres que tinha em maior admiração: “A Augusto Magne, Said Ali e Sousa da Silveira – o Estado-Maior da Filologia no Brasil”. A matéria estava distribuída por oito capítulos, assim denominados: “A Língua Portuguesa no Brasil”, “A Influência Tupi”, “A Influência Africana”, “A Língua Popular”, “A Nossa Pronúncia”, “Língua e Estilo”, “O Nosso Vocabulário” e “A Língua Literária”; e havia mais uma “Explicação Final”, bibliografia e índices (onomástico e geral).

No “Prefácio”, datado de 25 de janeiro de 1945, o autor, depois de apresentar o livro como o conjunto de conclusões a que chegara após oito anos de estudos e reflexões, esclarece que, “à exceção de dois capítulos que já tinham sido escritos anteriormente, foi ele redigido no espaço de sessenta dias”. Nascido diretamente do seu magistério na Faculdade Nacional de Filosofia, fora preparado “para os não-especialistas, para as pessoas que não desdenham os problemas de cultura geral”, como entendia ser o da identificação da língua nacional. Uma obra, portanto, que surgia na hora oportuna, naquele momento histórico em que o assunto era polêmico e apaixonante, a ponto de ter sido necessário que na recém-elaborada Constituição de 1946, promulgada a 18 de setembro, se incluísse um artigo para consagrar a denominação “língua portuguesa”, fruto das conclusões de uma comissão integrada por constituintes e convidados, encarregada de opinar sobre a matéria, o que fez em vários pareceres, alguns muito bem fundamentados, como o do relator-geral, Professor Sousa da Silveira.

O capítulo inicial de *A Língua do Brasil* se subdividia em sete parágrafos, intitulados – “Resenha Bibliográfica” (com a análise crítica das principais contribuições ao estudo da matéria), “O Problema da Língua do Brasil”, “A Escola da ‘Língua Brasileira’ e Sua Doutrina”, “O Conceito de Unidade Lingüística”, “A Paixão Nacionalista”, “O Problema em Termos Sociológicos” e “Qual Seria a ‘Língua Brasileira’?”. Como se percebe, dispunha-se o autor – com as suas observações e reflexões – a não deixar nenhuma dúvida a respeito do problema; e no capítulo final, dedicado à língua literária, concluía que a língua padrão do Brasil “é a mesma de Portugal, com diferenças estilísticas e uma ou outra levíssima divergência sintática, insignificativa e inoperante”. Nesse mesmo capítulo, propunha um teste aos que, defendendo a existência da “língua brasileira”, afirmavam saber distinguir perfeitamente um autor

português de um brasileiro: que assim o fizessem em relação a vinte trechos de escritores portugueses e brasileiros aí transcritos, “trechos esses onde não há elementos estilísticos que possam indicar a nacionalidade do autor”, mas apenas “elementos exclusivamente lingüísticos”. Com efeito, assim fazia prova final de haver uma língua comum aos dois países – a língua portuguesa – sem deixar no entanto de reconhecer os traços que distinguem o uso português do uso brasileiro, bastante diferenciados em vários aspectos, como os referentes à pronúncia e ao vocabulário.

O livro *A Língua do Brasil* foi recebido com louvores pela crítica especializada, e com as naturais restrições e contestações dos propugnadores da “língua brasileira”. Anos mais tarde, em 1963, o Professor Sílvio Elia, com a autoridade de um dos maiores conhecedores da matéria e autor do livro pioneiro *O Problema da Língua Brasileira* (1940), reconheceria que Gládstone “com muito bom senso e bem equipada armadura filológica” se opusera à tese dos “brasileiristas”, trazendo “luz a muita confusão num debate que se vinha perdendo em digressões impertinentes”⁵¹.

No ano de 1971, ressurgia *A Língua do Brasil* numa segunda edição melhorada e aumentada, na coleção “Estante de Língua Portuguesa” sob a direção do Professor Carlos Henrique da Rocha Lima, publicação da Fundação Getúlio Vargas. No prefácio datado de 31 de julho de 1970, o autor declara ter incorporado ao livro “as observações colhidas em duas permanências em Portugal” que lhe permitiram melhor comparação dos usos português e brasileiro da língua comum. Os capítulos passaram a ser nove, com o desdobramento do primeiro da edição anterior em dois: “A Língua Portuguesa no Brasil: Resenha Bibliográfica” e “O Problema, Doutrinas, Soluções”.

O compêndio teve mais duas edições: a terceira, de 1975; e a quarta, melhorada e aumentada, de 1981⁵². Nas orelhas dessa quarta edição, o Professor Rosalvo do Valle soube ressaltar a qualidade rara que distinguia o livro como obra didática: “Nele o estudante encontrará, numa linguagem que faz inveja a muita gente e que todos entendem, uma visão geral das questões referentes à história da língua portuguesa no Brasil”; e finalizando, ao mencionar as principais discussões e objeções que suscitou, frisou também: “um livro que merece discussões de alto nível é um livro que fica”.

⁵¹ Palavras da primeira edição de *Ensaio de Filologia e Lingüística*, 1963, reproduzidas na segunda (Rio de Janeiro, Grifo / MEC, 1975, p. 162).

⁵² Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1981. (12) + 210 p.

Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa.

No ano de 1951, a editora Organização Simões lançava a primeira edição do livro a que Gládstone Chaves de Melo dera o título de *Iniciação à Filologia Portuguesa*: um volume de 301 páginas, com prefácio datado de 8 de setembro de 1949, e dedicatória à memória dos seus venerados pais.

A matéria do livro estava assim distribuída:

PREFÁCIO. // PARTE GERAL (POSIÇÕES, PROBLEMAS E MÉTODO): / I - Caráter Científico da Filologia. / II - Filologia e Lingüística. / III - Da Formação Filológica. / IV - A Importância dos Textos. / V - A Lição dos Textos e as Normas Gramaticais. / VI - A Seleção e Gradação da Bibliografia. / VII - A Classificação das Línguas. // PERSPECTIVA HISTÓRICA: / I - As Línguas Indo-Européias. / II - A Formação das Línguas Românicas. / III - Geografia das Línguas Românicas na Europa. / IV - A Transplantação das Línguas Românicas. / V - A Língua Portuguesa no Brasil. // PARTE ESPECIAL: / I - Posição do Português na Família Românica. / II - O Infinito Pessoal. / III - A Sintaxe Portuguesa. / IV - A Concordância no Português. / V - A Colocação dos Pronomes. / VI - A Classificação das Palavras. / VII - A Constituição do Vocabulário. / VIII - O Problema Ortográfico. / IX - Da Análise Sintática. // DIRETRIZES: / I - A Lógica da Língua. / II - O Papel da Analogia na Língua. / III - Causas e Efeitos da Evolução Fonética. / IV - Vícios do Nosso Ensino Gramatical. / V - Como se Deve Estudar a Língua.

No Prefácio, entre outras considerações, se liam as seguintes palavras como uma espécie de definição dos propósitos do autor, no tom incisivo que sempre caracterizaria a sua atuação:

pretende este livro ser apologético: foi escrito para defender os métodos, o espírito e as conclusões da Filologia Portuguesa contemporânea, e para denunciar os charlatães, os gramatiquinhos, os obsessos do erro e da gramática de bitola estreita [...]. É livro essencialmente didático; seja-nos permitido dizer que ele se destina aos professores de português que não puderam ter formação universitária.

Usava o autor a expressão Filologia Portuguesa naquela acepção tão ampla apresentada por grandes mestres das ciências da linguagem em Portugal, como Carolina Michaëlis e Leite de Vasconcelos. Deste último colhe inclusive o conceito de que Filologia Portuguesa é “o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua”, como está na segunda edição, de 1926, das *Lições de Filologia Portuguesa*, p. 9, publicada em Lisboa⁵³.

⁵³ Na 1ª edição, de 1911, há pequenas diferenças nesta definição.

O novo livro de Gládstone Chaves de Melo, resultado também das suas pesquisas e estudos na preparação das aulas para as turmas da Faculdade Nacional de Filosofia, muito devia – como acentuou o autor – ao estímulo que lhe dera o Professor Sousa da Silveira: “à sólida orientação, aos sábios conselhos, às judiciosas e finas observações, à crítica serena e lúcida, à arguta exegese, às lições discretas e multiplicadas” de que usufruíra “em dez anos de afetuosa convivência com o venerando mestre das *Lições de Português*”⁵⁴. Muitos de seus capítulos tiveram divulgação prévia – entre 1946 e 1948 – pelas páginas de periódicos de que o autor se tornara colaborador, como *O Jornal*, *Correio da Noite* e *Correio da Manhã*. Alcançaram maior repercussão, pela maneira clara e didática como neles eram apresentadas e sistematizadas as noções de Lingüística Geral e de Crítica Textual aplicadas à língua portuguesa, os que se intitularam “A Importância dos Textos”, “A Lição dos Textos e as Normas Gramaticais”, “A Seleção e Gradação da Bibliografia”, “A Lógica da Língua”, “Vícios do Nosso Ensino Gramatical” e “Como se Deve Estudar a Língua”.

A primeira edição de *Iniciação à Filologia Portuguesa* foi recebida com entusiasmo e aplausos por muitos leitores que desde logo sentiram estar diante de uma notável contribuição à renovação dos estudos lingüísticos e filológicos e dos métodos de ensino da língua portuguesa. Um desses leitores, o Professor Rosalvo do Valle, haveria de apontá-la, no prefácio que escreveu em 1981 para a sexta edição da obra⁵⁵, como “livro de vanguarda”, e de dizer a respeito do alcance nacional das lições nele contidas:

é fácil compreender a acolhida que desde logo mereceu de um grande público – sobretudo no interior do país – ávido também de atualização, que, no entanto, não podia frequentar os raros cursos superiores de Letras então existentes. Somos testemunha dessa aceitação das “aberturas” que o livro propiciou a um sem-número de professores que frequentaram os sempre lembrados cursos da CADES”⁵⁶.

⁵⁴ Cf. Prefácio, p. 11.

⁵⁵ Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1981.

⁵⁶ A CADES - Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, do Ministério da Educação e Cultura – funcionou entre os anos finais da década de 50 e os iniciais da década de 60, promovendo em todo o país, como já dissemos, a realização de cursos de preparação para exames de suficiência e de cursos de aperfeiçoamento, destinados à formação do magistério de nível médio, numa época em que poucas Universidades e escolas superiores isoladas existiam no território nacional.

Rosalvo do Valle lembra ainda: era um livro que “pregava veementemente a adoção de procedimentos metodológicos hoje pacíficos (citação precisa, escolha do texto fidedigno...), bem como inculcava noções lingüísticas fundamentais: erro e acerto em linguagem, diversidade de usos lingüísticos, norma gramatical, etc., noções que as boas gramáticas atuais apresentam como preliminares indispensáveis”. Mas era também um livro de muitos assuntos polêmicos, em que o autor, sem rodeios, contrariava opiniões até então não contestadas com tanto vigor, algumas esposadas por grandes figuras do magistério de língua portuguesa. Assim sendo, foi natural que provocasse respostas contundentes a várias das suas idéias e afirmações, como as já mencionadas do Professor Cândido Jucá (Filho), catedrático do Colégio Pedro II, reunidas em 1953 no livro *As Categorias Gramaticais (Adjetivos Determinativos) – Revide a Uma Crítica Impensada do Professor Gládstone Chaves de Melo em “Iniciação à Filologia Portuguesa”*⁵⁷.

Em 1957, a Livraria Acadêmica, do Rio de Janeiro, lançava a segunda edição (refundida e aumentada) de *Iniciação à Filologia Portuguesa*, na coleção “Biblioteca Brasileira de Filologia”, dirigida por Serafim da Silva Neto. No prefácio, datado de 7 de outubro de 1956, o autor, depois de se referir aos louvores e às críticas feitas à edição anterior – às críticas de alto nível e às críticas impiedosas e até injustas - declara que destas foram aproveitadas as que lhe pareceram bem justificadas, e esclarece: “Além das correções, retoques, substituições e ampliações, diversas matérias foram acrescentadas à presente edição”. Relaciona mais adiante as principais modificações para melhorar o livro, inclusive a refundição de todo um capítulo – “As Línguas Indo-Européias”, e o acréscimo à segunda parte – “Perspectiva Histórica” – de um capítulo sobre a “História da Língua Portuguesa”. Não foi alterada a estrutura primitiva da obra: as suas divisões e subdivisões continuaram a ser as mesmas. Todavia, a cada capítulo se juntou um resumo mnemônico e uma bibliografia sumária, destinados a “ajudar a memória na retenção do que acabou de ser lido”. Pode-se afirmar, portanto, que conservadas as principais características e grande parte do texto da edição de 1951, a segunda edição de 1957 passou a ser de consulta obrigatória para o conhecimento e a análise da evolução do pensamento do autor, que a essa altura, já exercendo desde 1951 o cargo de vereador à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, dava provas de que, no desempenho das funções absorventes de político, cumprindo o mandato que lhe fora conferido por muitos eleitores, não se desligara dos estudos de caráter

⁵⁷ Rio de Janeiro, tip. do Jornal do Commercio, 1953, 54 p.

filosófico, religioso, lingüístico, filológico ou literário. Por isso, ao registrar em 1957 pelas páginas da revista *A Cigarra*⁵⁸ o aparecimento dessa reedição de *Iniciação à Filologia Portuguesa*, diria o Professor Joaquim Matoso Câmara Júnior:

É uma sincera satisfação para os colegas e amigos intelectuais de Gládstone Chaves de Melo verificar, com a publicação deste livro, que a Política não conseguiu desviá-lo dos seus estudos e interesses de filólogo honesto, criterioso e bem formado. A segunda edição da *Iniciação à Filologia Portuguesa* revela o resultado de um aprimoramento diuturno na especialidade em que o Autor já se firmara como expressiva figura. Trata-se de uma verdadeira refundição, que deu à obra muito maior amplitude e profundidade.

A essa segunda edição do livro se seguiram quatro outras: a terceira (de 1967), a quarta (de 1971) e a quinta (de 1975) – lançadas pela Livraria Acadêmica; e a sexta (de 1981) – pela editora Ao Livro Técnico, numa coleção coordenada pelo Professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa. No prefácio da terceira edição, datado de 27 de maio de 1965, declara o autor que, na premência do tempo assinalado para a preparação dos novos originais, teve de contentar-se em rever o texto anterior, fazer pequenas alterações, atualizar a bibliografia, e como novidade acrescentar um capítulo à última parte – “Diretrizes” – sobre a chamada Nomenclatura Gramatical Brasileira, tão discutida no momento. Nas orelhas do livro, outro ilustre discípulo de Gládstone Chaves de Melo, o Professor Adriano da Gama Kury, fez questão de dar com as seguintes palavras mais um depoimento pessoal:

É este livro [...] de que me vali proveitosamente como aluno, e que os meus alunos de hoje continuam a aproveitar intensamente – auxiliar inestimável a quantos precisam pôr em ordem as idéias no tocante à Filologia Portuguesa.

Foi na quarta edição do livro, de 1971 como já se disse, que o autor, levando em conta as objeções ao emprego puro e simples da palavra Filologia (marcada pela polissemia) para englobar todos os capítulos do seu livro, resolveu alterar o título do mesmo para *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, sem dúvida alguma mais apropriado. No novo prefácio, datado de 25 de janeiro de 1970, esclareceu que além do título fizera as seguintes modificações à edição anterior: “acrescentou-se um capítulo sobre ‘A Língua-Padrão do Brasil’; e procedeu-se a cuidadosa revisão, que, em inúmeros passos,

⁵⁸ Rio de Janeiro, ano 43, número 3, 1957.

melhorou o estilo, que atualizou a matéria e a bibliografia, incorporando conquistas seguras e livros importantes para a formação ou informação básicas”. Mais uma vez se referiu aos seus intuitos de divulgador das boas idéias lingüísticas e filológicas: “Não visamos à erudição, mas à cultura especializada. Não queremos ser responsáveis pelo acréscimo de pedantes: esforçamo-nos por aumentar o número de estudantes sérios e lastreados”. Quanto à alteração do título, assim a justificou: “diversos assuntos tratados já não se enquadram bem no que hoje, mais rigidamente, se conceitua por Filologia, constituindo antes indagações da Lingüística”.

Menores modificações sofreu a quinta edição, de 1975, em cujo prefácio Gládstone Chaves de Melo as resume com as seguintes palavras:

Desta vez, como das outras, submetemos o texto a rigorosa revisão, expungindo-o das demasias verbais e esmerilhando os períodos com o possível cuidado.

Discretamente atualizamos a doutrina, a informação e a bibliografia, fiéis sempre ao intento inicial de só oferecer matéria segura.

A última edição de *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa* revista pelo autor é a sexta, de 1981, da qual a editora Ao Livro Técnico fez duas reimpressões, em 1984 e 1988, para atender à demanda do livro, que continua a ter leitores em todo o Brasil.

Iracema (Lenda do Ceará).

Foi no ano de 1948 que o Instituto Nacional do Livro, dando prosseguimento às publicações do seu plano de boas edições de autores brasileiros, lançou a edição de texto crítico e comentado do romance *Iracema*, de José de Alencar, preparada por Gládstone Chaves de Melo⁵⁹.

Este trabalho de vanguarda no campo da Crítica Textual foi escrito e organizado em 1944, com duas finalidades – segundo o próprio autor: “apresentar um texto bom e fiel da obra-prima de Alencar – tão malbaratada nas edições que andam por aí –, e restabelecer a Verdade na questão da atitude de Alencar ante o problema da suposta ‘língua brasileira’”, de que conforme uma “assertiva gratuita” teria sido o pioneiro⁶⁰.

⁵⁹ *Iracema (Lenda do Ceará)* por José de Alencar, introdução, notas e apêndice “Alencar e a Língua Brasileira” por Gládstone Chaves de Melo, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, LII + 180 + [110] p.

⁶⁰ V. “Advertência Preambular”, p. V.

Apresentava essa edição do romance as seguintes divisões:

PRIMEIRA PARTE: / Introdução - I - José Martiniano de Alencar - Traços Biográficos. / II - Obras. / III - Fontes Para Estudo. / IV - Significação de Sua Obra. / V - Edições de *Iracema*. / VI - A Presente Edição. / VII - Resumo e Interpretação Estética de *Iracema*. // SEGUNDA PARTE: / *Iracema (Lenda do Ceará)* por José de Alencar. / Notas de José de Alencar. // TERCEIRA PARTE: / Apêndice - Alencar e a “Língua Brasileira”.

O filólogo, que despontava com tal exemplo de aptidão para trabalhos dessa natureza, assim caracterizou a sua edição: “É um texto crítico [...] estabelecido com todo o rigor da técnica filológica. Reproduz o texto da edição de 1878, preparado certamente em vida de Alencar”⁶¹. Não a apontou, portanto, como “edição crítica”, e de fato não o é plenamente, por faltar ao aparato crítico o exaustivo registro das variantes das edições anteriores do romance (a primeira, de 1965, e a segunda, de 1870). Porém, tem o mérito de acrescentar ao texto definitivo da obra, de 1878, tomado como base para a transcrição crítica, copiosos dados a mais em relação ao que seria exigido de uma edição crítica propriamente dita, como se nota em subtítulos da Primeira Parte e pelo que compõe o Apêndice.

Na verdade, tal edição de texto apurado vinha secundar as de Sousa da Silveira – a dos *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães (1939), e a das *Obras de Casimiro de Abreu* (1940) – na comprovação de que representavam a realização de tarefa básica para a valorização dos autores brasileiros. Ressalte-se, porém, que Gládstone Chaves de Melo deu um passo avante com o rigoroso levantamento de dados histórico-culturais e biobibliográficos a que procedeu, indispensável para se situar a obra em exame em seu contexto e para se dar solução indiscutível às questões fundamentais de identificação do texto de base e de critérios para a fixação do texto crítico.

Foi graças a essa edição de *Iracema* que os estudiosos da vida e obra de José de Alencar tiveram à mão fartos elementos para entender a posição do grande romântico na defesa dos seus ideais. Veja-se a riqueza de informações e comentários reunidos no apêndice “Alencar e a ‘Língua Brasileira’” (que tivera antes divulgação escassa numa impressão em “multilith”, como tese de livre-docência, e que teria depois mais duas reproduções, melhorado e refundido em vários pontos: em 1951, anexado ao volume XV – *Senhora, Perfil de Mulher* – da edição das obras de ficção de José de Alencar, lançada pela José Olympio;

⁶¹ Ed. cit., p. XLIII.

e em 1972, como livro autônomo, sob o patrocínio do Conselho Federal de Cultura⁶²). Também foi graças a ela que alguns problemas alencarinos ficaram resolvidos para sempre: o problema bibliográfico e filológico relativo à última edição do romance preparada por Alencar, que não é a suposta por Sacramento Blake, de 1875 (não localizada pelos mais dedicados pesquisadores), mas a datada de 1878, póstuma⁶³; a comprovação de que essa edição, conquanto póstuma, tem modificações para aprimorar o texto que só se podem atribuir a um artista da palavra como era Alencar; e portanto a indicação de que o texto de base para a reedição de *Iracema* deve ser o da edição de 1878 – como texto definitivo (até prova em contrário, que nunca se fez) – expressão da última vontade do romancista. Acrescente-se ainda que, tomando uma edição póstuma com base da sua edição, Glástone Chaves de Melo desfez – pelas conclusões a que chegou – a idéia errônea de que em *Crítica Textual* a edição mais importante, entre aquelas cuja responsabilidade autoral se pode comprovar, é a última em vida do autor: pode ser e pode não ser, como hoje se sabe, comportando cada caso uma solução própria, que nos é dada pelo estudo da gênese e da história do texto. As soluções adotadas e as conclusões dessa edição de 1948 de *Iracema* seriam anos mais tarde, em 1965, ratificadas na edição crítica que Manuel Cavalcanti Proença organizou para a editora José Olympio, na comemoração do centenário do romance.

2.2.7 - Outros Estudos de Gramática e Estilística.

Pelo que se vê na bibliografia do final deste ensaio, legou-nos o autor de *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa* muitos outros estudos gramaticais e estilísticos, em livros, opúsculos e artigos dispersos nos jornais e revistas e nas obras coletivas em que colaborou.

Na relação dos livros e opúsculos figuram: *Dicionários Portugueses* (1947), *A Língua e o Estilo de Rui Barbosa* (1950), *Conceito e Método da Filologia*, em colaboração com Serafim da Silva Neto (1951), *Novo Manual de Análise Sintática* (1954), *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa* (1968), *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa* (1976), *Os “Brasilei-*

⁶² *Alencar e a “Língua Brasileira”*, 3ª edição [melhorada e aumentada com um apêndice “Alencar, Cultor e Artífice da Língua”], Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972, 143 p.

⁶³ José de Alencar faleceu em dezembro de 1877.

ismos” de Frei Luís de Sousa (1985). Como se vê pela consulta à bibliografia mencionada, os numerosos artigos, devidamente ordenados, dariam matéria para vários outros volumes de inquestionável valor.

Dos livros acima, são particularmente importantes para o conhecimento das idéias gramaticais e estilísticas do autor a *Gramática Fundamental*, o *Novo Manual de Análise Sintática* e o compêndio sobre *Estilística*. Neles temos o retrato do filólogo com as suas feições nítidas mas por vezes contraditórias. A eles queremos fazer comentários especiais, para que melhor se compreenda o sentido exato da conclusão a que devemos chegar.

Novo Manual de Análise Sintática.

Este livro corresponde a um momento prolongado do nosso ensino gramatical em que a atenção dos professores se concentrava de modo geral no exercício da análise sintática, de forma absorvente e distorcida. Diante dessa situação, Gládstone Chaves de Melo assim expôs na Introdução do volume o seu ponto de vista sobre o problema:

Reconheço certa utilidade e até necessidade no estudo e manejo da análise sintática; porém utilidade restrita e modesta. Estou muito longe daqueles que fazem consistir, por assim dizer, o estudo da língua em analisar frases, sobretudo frases complicadas.⁶⁴

Os erros e exageros na aplicação desse método de ensino são magnificamente apontados e criticados nos capítulos iniciais do volume: “O Que É a Análise Sintática”, “Onde se Situa a Análise Sintática” e “Utilidade e Método da Análise Sintática”. Tais capítulos deveriam ser lidos pelos professores de língua portuguesa, pois ensejam oportunas reflexões sobre o papel que cabe a tal tipo de análise, restrito mas valioso, no aprendizado da língua.

Continua a ser por tudo isto este livro um precioso orientador dos professores que se querem valer na justa medida da análise sintática no ensino da língua portuguesa, como meio seguro de ajudar a compreender a construção da frase e os textos literários ou não, em sua diversidade e riqueza de expressão.

⁶⁴ Op. cit., 3ª ed., p. 15.

Gramática Fundamental da Língua Portuguesa.

A *Gramática* veio a lume naqueles anos da década de 60 em que, por determinação do Conselho Federal de Educação, foram introduzidas no currículo do curso superior de Letras as disciplinas de Lingüística Geral e Teoria da Literatura, medida benéfica que trouxe como conseqüência o extraordinário avanço no Brasil das especulações sobre teoria lingüística e teoria literária como um valor em si e como necessário apoio ao estudo e ensino das línguas de modo geral e da língua portuguesa de modo particular. Tais disciplinas alcançaram enorme prestígio no meio universitário, e os professores que se encarregaram de ministrá-las, poucos deles com boa formação específica anterior, logo trataram de cobrir as suas carências de conhecimentos com a leitura de autores nacionais e estrangeiros, representantes de correntes de pensamento bem diversificadas.

Como conseqüência de uma série de fatores, entre eles a entrada em cena de professores improvisados que se deslumbraram com os conceitos teóricos assimilados e se assenhorearam da nomenclatura nova a eles referentes, o estudo de Lingüística Geral se superpôs nos cursos de Letras mal orientados ao estudo da língua portuguesa, um absurdo que todavia não ocorreu generalizadamente, e portanto não perturbou o bom andamento dos seus programas nos casos em que o ensino de Lingüística se manteve rigorosamente nos limites e com os objetivos traçados por mestres da matéria desde as lições pioneiras de Matoso Câmara Júnior nos *Princípios de Lingüística Geral (Como Fundamento Para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa)*⁶⁵.

No Prefácio da primeira edição da *Gramática*, datado de 28 de agosto de 1967, assinalou Gládstone Chaves de Melo:

Ninguém ignora que a gramática está em crise. Tanto abusaram dela, tanto a maltrataram, tanto inventaram regras, tanto complicaram as definições, tanto multiplicaram as divisões e subdivisões, tanto a distanciaram da língua, que muitos, quase todos, fugiram espavoridos. Com boa razão, aliás. No entanto, sem sistematizar a língua literária, “língua adquirida”, na clássica distinção de Victor Henry, não há conhecê-la com segurança.⁶⁶

⁶⁵ As “lições” de Matoso Câmara foram publicadas pela primeira vez em artigos da *Revista de Cultura* do Padre Tomás Fontes, nos anos de 1939-40. A primeira edição em livro tem a data de 1942, e a última em vida do autor, revista e ampliada, de 1964.

⁶⁶ Cf. 3ª ed., p. VII.

Mais adiante, diz ele ter “sempre feito da gramática serva da língua e jamais senhora dela”, e esclarece que “toda a doutrina” subjacente aos ensinamentos que divulga “é inspirada na Lingüística e na Filologia modernas”, o que implica o reconhecimento de que o método da elaboração gramatical só tem caráter científico se apoiada nos princípios maiores das ciências da linguagem.

Ao lançar a terceira edição da obra, em 1979, revista e melhorada em vários pontos, era o autor um inconformado com essa ocorrência das distorções de se superpor o ensino de teoria lingüística ao ensino da língua portuguesa, de se supervalorizar o estudo da língua oral, de se menosprezarem os estudos históricos e de se tratar com descaso da língua literária – distorções de fato verificáveis, ainda hoje, mas que não podem ser atribuídas a todos os lingüistas, de maneira alguma. No tom polêmico que o caracterizava, emitiu Gládstone Chaves de Melo no novo Prefácio um juízo crítico que não resiste a uma análise mais cuidada:

O estudo e ensino da língua culta, da língua literária foram banidos, ante a invasão da Lingüística Geral. Em vez de aprender o vernáculo, os alunos são convidados a memorizar uma terminologia rebarbativa, abstração de abstrações, fruto verde e murcho a um tempo – verde de um lado, murcho de outro – de uma Ciência da Linguagem em estado de ebulição, onde se encontram e desencontram correntes cruzadas, onde só se cuida da fala coloquial e onde se faz da língua um ser autônomo, desligado do homem, da cultura, da Criteriologia (uma vez que ela pretende ser a Epistemologia de si mesma).⁶⁷

Tais palavras, que teriam cabimento se aplicadas a determinadas situações e aos responsáveis pelas distorções acima referidas, são contudo absolutamente inaceitáveis, força é dizê-lo, por enquadrarem na mesma moldura os bons e os maus lingüistas, os lingüistas competentes e criteriosos – como por exemplo o seu fraternal amigo Herculano de Carvalho, por quem nutria grande admiração⁶⁸ – e os aventureiros e desvairados, estes sim merecedores das nossas críticas pelos males que têm causado ao ensino da língua. Vê-se pois que é um juízo extremado e estranho o que Gládstone Chaves de Melo

⁶⁷ Ibidem, p. V.

⁶⁸ José Gonçalo Herculano de Carvalho (*1924 / †2001), além da notável contribuição que deu aos estudos lingüísticos com as luminosas lições do livro *Teoria da Linguagem*, em dois volumes (Coimbra, Atlântida, 1967-1973), escreveu judiciosas palavras para valorizar o estudo e ensino da língua portuguesa, como as do capítulo “Sobre a Defesa da Língua” no segundo volume do livro *Estudos Lingüísticos* (Coimbra, Atlântida, 1968).

acrescentou na reedição da sua *Gramática* – estranho porque, escritor de largos recursos, não soube medir a extensão das suas palavras.

A *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, como visão dos fatos da língua culta e da língua literária, tem características que lhe asseguram lugar de destaque entre as boas gramáticas normativas da língua portuguesa. Nela, fiel à formação filológica que tivera, o autor estabelece as normas do uso culto da língua com base em exemplos colhidos em textos dos melhores autores. Na bibliografia final que relaciona os livros e as edições de que se valeu, figuram os escritores antigos de mistura com os contemporâneos, e entre estes Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Manuel Bandeira, Antônio Calado, Gustavo Corção, Josué Montelo, Murilo Mendes, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Augusto Frederico Schmidt e outros.

Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa.

Também esta obra, publicada no ano de 1976, teve a sua origem em aulas que o autor ministrou nos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como ele esclarece no prefácio.

Consciente das dificuldades de se escrever um tratado sobre a matéria, mas por outro lado sabendo da necessidade de apresentá-la sob outro enfoque, para propiciar aos interessados uma nova forma de abordagem dos textos literários, diferente do que se vê nos anteriores compêndios dos professores Rodrigues Lapa e Silveira Bueno, diz o autor no capítulo inicial:

Tentaremos traçar os lineamentos de uma “Estilística da Expressão” aplicada à língua portuguesa, seguindo as trilhas sugeridas por Guiraud e, antes dele, por Marouzeau e Cressot”⁶⁹.

A simples apresentação do índice geral da obra faz ver o que nela, após uma parte inicial de conceituações e informações preliminares, é estudada ordenadamente a utilização dos recursos de expressão da língua portuguesa, na perspectiva em que se coloca o autor:

PREFÁCIO. // NOÇÕES PROPEDÊUTICAS: // I – No Primeiro Degrau (Justificação do Livro). / II – Conceito de Estilística. / III – As Duas

⁶⁹ Cf. p. 13 de *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão, 1976 (231 p.). Os livros básicos dos autores citados, arrolados na bibliografia do volume, são: *Précis de Stylistique Française* de J. Marouzeau (1946), *Le Style et Ses Techniques* de Marcel Cressot (1974) e *La Stylistique* de Pierra Guiraud (1972).

Posições Fundamentais. / IV – Modernas Correntes. / V – Problemas de Método. // UTILIZAÇÃO DO MATERIAL SONORO: / VI – Princípios Gerais. / VII – Aplicações Sistemáticas: Aliteração, Homeoteleuto, Onomatopéia. / VIII – O Vocábulo Como Massa Sonora. / IX – A Elocução. / X – O Ritmo. // INTERMEZZO SOBRE A MORFOESTILÍSTICA: / XI – Uma Indagação sem Resposta Cabal. // SINTAXE EM PERSPECTIVA ESTILÍSTICA: / XII – A Frase e Suas Modalidades. / XIII – Tipos e Desdobramentos da Frase Organizada. / XIV – Generalidades (Pertinentes) Sobre Sintaxe. / XV – Emprego dos Determinantes. / XVI – Emprego do Verbo. / XVII – Emprego das Formas Nominais do Verbo. / XVIII – Breves Considerações Sobre as Palavras Invariáveis. / XIX – A Regência, Suas Possibilidades, Suas Anomalias. / XX – Aspectos Estilísticos da Concordância. / XXI – A Arrumação das Palavras. // ESTILÍSTICA DA PALAVRA: / XXII – O Vocabulário. // PALAVRAS FINAIS. // BIBLIOGRAFIA.

Convém realçar que é rico e rigorosamente identificado o exemplário de que se valeu o autor, onde se vêem desde exemplos colhidos nos clássicos portugueses, como Camões e Bernardes, até os de autores modernos e contemporâneos, como Machado de Assis, Alphonsus de Guimaraens, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. São aí realmente finas e preciosas muitas das observações relativas às questões em foco, e por isso o livro ainda hoje é de leitura obrigatória aos que se dispõem a tratar de Estilística Portuguesa e principalmente aos que se propõem a introduzir inovações no estudo da matéria.

Em recensão crítica do livro de Gládstone Chaves de Melo, publicada no *Jornal do Brasil* de 20/3/1977, com o título “Estará Morta a Estilística?”, tratando das controvérsias a esse respeito, Adriano da Gama Kury assim resumiu a conclusão a que chegara depois da leitura meditada dos capítulos da obra:

O livro aí está, na sua modéstia de *Ensaio*, à disposição do estudioso dessa matéria que se mantém ainda indecisa quanto ao seu objeto. Dá margem, felizmente, a uma série de debates e indagações. Registramos aqui apenas algumas, já que o local e a limitação do espaço não nos permitem estender.

E apresenta sob a forma de indagação final o que é na verdade o seu parecer conclusivo:

Nos vários e multiplicados rumos que tomou, não estará mais viva do que nunca a Estilística?

3 – CONCLUSÃO.

O conhecimento dos principais dados sobre a vida e obra de Gládstone Chaves de Melo autorizam a conclusão de ter sido ele uma das principais figuras na vida cultural brasileira do século XX.

No campo das ciências da linguagem, através do exercício do magistério e de atividades correlatas e de numerosas publicações, destacou-se não apenas pela amplitude alcançada em sua atuação, no Brasil e no estrangeiro, como principalmente pela qualidade e quantidade da sua produção científica, de que damos notícia pormenorizada nas páginas seguintes

Além disso, foi ele, entre os nossos principais filólogos e lingüistas, o que se singularizou pela atuação em múltiplas outras atividades, seja no exercício de cargos e funções de caráter cultural e educacional, seja na política militante ou no serviço diplomático. É de fato notável e merecedora de atenção a contribuição que deixou aos estudos filosóficos, religiosos, políticos e educacionais, e dela se pode fazer avaliação, ainda que incompleta, pela leitura das páginas reunidas na coletânea de seus escritos dispersos e inéditos que acompanha este ensaio biobibliográfico.

Justifica-se assim o empenho que teve a direção da revista *Confluência* de lhe prestar a homenagem deste número a ele dedicado, na saudosa lembrança dos anos – de 1990 a 2001 – em que prestou relevantes serviços à organização e funcionamento do nosso Instituto de Língua Portuguesa.

4 – CURRICULUM VITAE

Na organização deste *curriculum vitae* foram levados em consideração, em primeiro lugar, os dados que constam do documento apresentado pelo professor Gládstone Chaves de Melo à comissão examinadora do concurso para Titular de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense a que se submeteu no ano de 1986. Os referidos dados – datados de 1985 – foram agora reorganizados, atualizados e bastante ampliados, na medida do possível, e, embora possam ainda apresentar lacunas, atendem à finalidade principal de evidenciar a extensão e a profundidade alcançadas na vida profissional pelo homenageado.

TÍTULOS

GRAUS UNIVERSITÁRIOS:

Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (1938).

Livre-Docente e Doutor em Língua Portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1946).

CONDECORAÇÕES E TÍTULOS HONORÍFICOS:

Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique, de Portugal.

Medalha de Prata da Clausura do Concílio Vaticano II – Roma (1965).

Benemérito da Ordem dos Pregadores – Roma.

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra – Portugal (1993).

ATIVIDADES MAGISTERIAIS:

Professor de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, depois Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - de junho de 1941 a junho de 1977.

Professor de Filologia Românica na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (Minas Gerais) - de 1950 a 1952.

Professor de Língua Portuguesa e de Literaturas de Língua Portuguesa nos Cursos de Jornalismo e de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - de março de 1951 a novembro de 1968.

Professor da Universidade Federal Fluminense, de setembro de 1962 a junho de 1987: regente da cadeira de Didática Geral (1962-1964); Professor de Língua Portuguesa na Faculdade Fluminense de Filosofia, depois Instituto de Letras (1964-1987) {Professor Titular por concurso realizado em 1986}; professor de Cultura Brasileira (1965-1972).

ATIVIDADES MAGISTERIAIS AVULSAS:

Cursos de conferências na Faculdade de Filosofia do Recife (PE) – em 1948 / 1949.

Cursos de Língua Portuguesa, Cultura Geral e Cultura Religiosa no Centro Dom Vital do Rio de Janeiro.

Cursos de preparação para exames de suficiência promovidos pela CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário) / Ministério da Educação e Cultura, nos anos de 1958 e 1959 – em Petrópolis (RJ) e Nova Friburgo (RJ) respectivamente.

Curso de conferências na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), em 1964.

Curso de extensão universitária sobre Gil Vicente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – em 1965.

Curso de extensão universitária na Faculdade de Filosofia de Londrina (PR) - em 1966 e na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas (SP).

Curso de semestre sobre Cultura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – em 1970.

Curso de Língua Portuguesa na Sociedade de Língua Portuguesa de Lisboa - em 1973.

Cursos de Língua Portuguesa e de Língua Latina promovidos desde 1991 pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português no Rio de Janeiro.

PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS E JÚRIS ESPECIAIS:

Integrante de numerosas bancas examinadoras e organizador de provas de exames vestibulares na Faculdade Nacional de Filosofia e no Instituto de Letras da UFF.

Presidente do Júri do I Festival Internacional de Arte Cinematográfica em Lisboa, janeiro de 1964.

Participante por duas vezes seguidas do júri técnico para conferir o Prêmio Moinho Santista a figuras de alta expressão da cultura brasileira, na qualidade de representante da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1959 e 1960).

Participante do júri que em 1974 conferiu o título de Doutor ao professor Fernando Alves Cristóvão na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

Participante da comissão examinadora que conferiu ao professor Celso Pedro Luft o título de Livre-Docente em Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Participante das comissões examinadoras que aprovaram mais 8 dissertações de Mestrado em Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UFF.

CONFERÊNCIAS:

Cerca de quatrocentas conferências sobre temas diversos, em várias cidades do Brasil e do exterior: Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis, Nova Friburgo, Campos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Varginha, São João del Rei, Itajubá, Três Corações, Governador Valadares, São Paulo, Campinas, Santos, Ribeirão Preto, Londrina, Brasília, Recife, Porto Alegre e muitas outras no país; Lisboa, Coimbra, Porto, Braga, Leiria, Cascais, Sintra, Castelo Branco, Évora (Portugal); Salamanca (Espanha), Poitiers (França); Bruxelas, Antuérpia, Lovaina, Mons (Bélgica); Amsterdão e Nimega (Holanda); Bonn e Heidelberg (Alemanha); Bristol (Inglaterra); Zurique (Suíça).

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS INTERNACIONAIS:

Congresso Internacional de Etnografia e Folclore - Santo Tirso (Portugal), julho de 1963 (Delegado Oficial do Brasil).

V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros - Coimbra (Portugal), setembro de 1963.

I Simpósio Luso-Brasileiro Sobre a Língua Portuguesa Contemporânea - Coimbra, abril-maio de 1967.

I Encontro de Professores de Língua e Literatura Portuguesa - Coimbra, abril de 1970.

I Reunião Internacional de Camonistas - Lisboa (Portugal), novembro de 1972 (membro da delegação brasileira, apresentou comunicação intitulada “A Língua de *Os Lusíadas* e a Linguagem Brasileira”).

II Reunião Internacional de Camonistas - Niterói, novembro de 1973 (membro da comissão organizadora).

III Reunião Internacional de Camonistas - Coimbra, novembro de 1980 (apresentou comunicação intitulada “Uma Interpretação da *Fala do Velho do Restelo*”).

IV Reunião Internacional de Camonistas - Ponta Delgada (Açores), junho de 1983 (apresentou comunicação intitulada “As Regras do Bem Viver em *Os Lusíadas*”).

V Reunião Internacional de Camonistas - São Paulo, julho de 1987 (apresentou comunicação intitulada “O *Fatum* e a Divina Providência em Camões”).

Congresso Internacional de Filologia Portuguesa - Niterói, novembro de 1973 (membro da comissão organizadora; fez a conferência da sessão de abertura para justificar a escolha de Sousa da Silveira como Patrono do Congresso).

Congresso Internacional “Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento” - Lisboa, 1983 (apresentou comunicação intitulada “As Filosofias do Renascimento e Sua Repercussão em Camões”).

I Congresso Internacional de Lusitanistas - Poitiers (França), 1984 (apresentou comunicação intitulada “As Duas Vertentes (Complementares) da Língua Portuguesa”).

X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa - Lisboa / Porto / Coimbra, 1984.

Congresso Internacional de Estudos Camilianos - Coimbra / Vila Nova de Famalicão, junho de 1991 (fez conferência intitulada “Língua e Estilo de Camilo Castelo Branco”).

Colóquio Internacional da Língua Portuguesa Literária - Rio de Janeiro, outubro de 1992 (membro da comissão organizadora, instituída pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português).

CARGOS E FUNÇÕES NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE:

Membro da comissão instituída para estudar a criação e a organização do Instituto de Letras da UFF, como um dos desdobramentos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - em 1968.

Membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF.

Membro da Comissão Diretora do Curso de Mestrado em Letras da UFF (1970-1975) e do Colegiado do referido Curso (até o ano de 1987).

Coordenador do convênio de intercâmbio firmado entre a UFF e a Universidade do Porto (Portugal) - de 1985 a 1987.

INSTITUIÇÕES CULTURAIS DE QUE FEZ PARTE:

Membro da Academia Brasileira de Filologia - eleito em 1951.

Sócio Honorário da Sociedade de Língua Portuguesa em Lisboa.

Sócio Honorário da Associação Jurídica de Braga (Portugal).

Sócio da Academia Brasileira de Língua Portuguesa.

Membro da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.

Membro da Associação Galega da Língua, sediada em Santiago de Compostela (Espanha).

Membro do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, no Rio de Janeiro - desde 1968.

Membro da Associação Internacional de Lusitanistas, sediada em Poitiers (França).

Membro da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo.

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Campanha (MG).

Membro da Academia Sul-Mineira de Letras.

Sócio fundador da Sociedade Sousa da Silveira / Centro de Cultura Humanística e de Estudos de Língua Portuguesa e Crítica Textual - desde 1982.

Sócio Honorário do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro.

Sócio Benemérito do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Sócio Efetivo do PEN Club do Brasil.

Membro da Diretora do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português
- desde 1991.

CARGOS E FUNÇÕES QUE EXERCEU TEMPORARIAMENTE:

Membro da comissão especial designada pelo governo brasileiro para organizar e
dirigir as comemorações do quarto centenário de *Os Lusíadas* - 1971 a 1973.

Membro do Conselho Federal de Educação (1970).

Membro do Conselho Federal de Cultura (1970 - 1972).

Sócio do Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro, e redator-chefe da revista *A Ordem*
(órgão oficial dessa instituição).

Sócio fundador e membro da Diretoria do Centro de Cultura Humanística, no Rio de
Janeiro (1968).

Membro da Comissão organizadora do Programa Especial UFF [Universidade Federal
Fluminense] - FCRB [Fundação Casa de Rui Barbosa] que patrocinou a realização
da II Reunião Internacional de Camonistas e do Congresso Internacional de Filologia
Portuguesa, em Niterói e no Rio de Janeiro, em novembro de 1973.

Encarregado pelo Ministério das Relações Exteriores de visitar e fiscalizar os Centros
de Estudos Brasileiros das Universidades da Europa Continental.

ATIVIDADES POLÍTICAS:

Vereador à Câmara do Distrito Federal nos últimos anos do Rio de Janeiro como
capital da República - 1951 a 1960.

Deputado à Assembléia Legislativa do recém-criado Estado da Guanabara - 1960-
1962, tendo sido como constituinte um dos principais autores da nova Constituição
estadual.

MISSÕES DIPLOMÁTICAS:

Adido Cultural junto à Embaixada do Brasil em Lisboa (1962 a 1964).

Adido Cultural junto à Embaixada do Brasil em Lisboa (1972 – 1974).

Embaixador designado pelo governo brasileiro em Missão Especial à Clausura do
Concílio Vaticano II, em Roma - dezembro de 1965.

Representante do governo brasileiro à recepção do Papa Paulo VI no Congresso
Eucarístico Internacional em Bogotá (Colômbia) - agosto de 1968.

PUBLICAÇÕES.**LIVROS.****Linguística e Filologia Portuguesa:**

- A Língua do Brasil*. 4ª edição, melhorada e aumentada. Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1981. (12) + 210 p. [1ª edição: 1946.]
- Alencar e a “Língua Brasileira”*. 3ª edição [melhorada e aumentada, com um apêndice “Alencar, Cultor e Artífice da Língua”]. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972. 143 p. [1ª edição: 1948.]
- Dicionários Portugueses*. Rio de Janeiro, MES / Serviço de Documentação, 1947. 78 p.
- A Língua e o Estilo de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1950. 59p. Gládstone Chaves de Melo e Serafim Silva Neto, *Conceito e Método da Filologia*. Com prefácio de Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951. 95 p.
- Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*. 6ª edição, revista e melhorada. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1981. (20) + 244 p. [1ª edição: 1951.]
- Novo Manual de Análise Sintática*. 4ª edição, melhorada. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1971. 189 p. [1ª edição: 1954.]
- Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 3ª edição [melhorada]. Rio de Janeiro, 1978. XIV + 258 p. [1ª edição: 1968].
- Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1976. 231 p. [Há edição portuguesa, de Albufeira (Algarve), Editora Posêidon, 1979.]
- Os “Brasileirismos” de Frei Luís de Sousa*. Niterói, EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense, 1985. 57 p.
- A Excelência Vernácula de Gonçalves Dias*. Niterói, EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense / Rio de Janeiro, Presença, 1992. 225 p.

Biobibliografia e Crítica Textual:

- Iracema (Lenda do Ceará)* por José de Alencar. Introdução, notas e apêndice *Alencar e a “Língua Brasileira”* por Gládstone Chaves de Melo. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1948. LII + 180 + [110] p.
- Alphonsus de Guimaraens - Poesia* por Gládstone Chaves de Melo. 3ª edição, corrigida e melhorada. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1976. [Volume 19 da coleção “Nossos Clássicos” . 1ª edição: 1958, 123 p.]

Rui Barbosa - Textos Escolhidos por Gládstone Chaves de Melo. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1962. 108 p. [Volume 67 da coleção “Nossos Clássicos”.]

Luís de Camões, *Os Lusíadas* - Edição Comentada. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980. 649 p. [Plano, fixação do texto e primeira coordenação de Gládstone Chaves de Melo; coordenação final de Sílvio Elia e Hamilton Elia; vários colaboradores, que se encarregaram das notas explicativas de pé de página; três estudos prévios; “Aspecto Histórico”, de Pedro Calmon, “Aspecto Filológico”, de Sílvio Elia, e “Aspecto Literário”, de Gládstone Chaves de Melo. 1ª edição: Rio de Janeiro, MEC / Departamento de Assuntos Culturais, 1972 - comemorativa do quarto centenário do poema.]

Machado de Assis, *Quincas Borba*. Prefácio de Augusto Meyer. Apuração do texto, revisão, aparato crítico, introdução, notas e apêndice por Gládstone Chaves de Melo. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1973. 251 p.

Frei Luís de Sousa. *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Introdução de Aníbal Pinto de Castro. Fixação do texto de Gládstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. XXX + 848p.

Antônio Vieira, *Sermão da Sexagésima*. Introdução, estabelecimento filológico do texto, notas e comentários de Gládstone Chaves de Melo. Niterói, EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense, 1985. 84 p.

Cultura Brasileira:

Origem, Formação e Aspectos de Cultura Brasileira. Lisboa, Centro de Livro Brasileiro, 1974. 279 p.

OPÚSCULOS E SEPARATAS:

Temas diversos:

Formulário Ortográfico. Rio de Janeiro, Tip. Rua do Rosário 149, 1938.

A Linguagem dos Livros Brasileiros de Literatura Infantil (Tese de Concurso). Rio de Janeiro, 1940.

A Influência Africana no Português do Brasil. Rio de Janeiro, MES / Serviço de Documentação, 1945.

Machado de Assis, *Defensor do Homem*. Coimbra, 1964. 32 p. [Separata de *Brasília*, vol. XII.]

La Place du Portugais Parmi les Langues Romanes. Louvain, Centre d'Études Portugaises et Brésiliennes, 1974. (4) + 19 p.

Le Sens Profond de l'Oeuvre de Machado de Assis. Louvain, Centre d'Études Portugaises et Brésiliennes, 1975.

- O Enriquecimento da Língua em José de Alencar*. Lisboa, 1971. [Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, nº 13, 1971.]
- Reflexões Críticas Sobre o Estruturalismo*. Coimbra, 1983. [Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 30, 1983.]
- Quelques Remarques sur le Portugais du Brésil (Dans l'Optique de la Linguistique Romane)*. Louvain, 1984. [Separata de *Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain*, 10, 1, 3, 1984.]
- Frei Luís de Sousa, Mestre da Prosa Artística Portuguesa*. Porto, 1987. 7 p. [Separata do vol. III / 3 das *Actas do II Encontro Sobre História Dominicana* realizado em Santarém (Portugal) em 1982.]

Filosofia, Pedagogia, Política

- A Missão do Professor*. [Discurso de Paraninfo dos licenciandos da Faculdade Fluminense de Filosofia, em Niterói, pronunciado a 15 de dezembro de 1961. Edição restrita.]
- Reflexões Críticas Sobre a Educação*. Rio de Janeiro, Presença, 1976.
- Considerações Sobre Democracia*. Rio de Janeiro, Presença, 1986. 45 p.
- Cuba, Fidel, o Frade e o Arcebispo*. Rio de Janeiro, Presença, 1989. 31 p.

COLABORAÇÃO EM LIVROS DE AUTORIA MÚLTIPLA:

Artigos e verbetes diversos:

- O Testemunho Cristão de Ozanam em Relação à Cultura. In *Missão do Intelectual*, edição da Liga Universitária da Ação Católica Brasileira, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1952, pp. 34-67.
- Dicionário de Literatura: Literatura Brasileira – Literatura Portuguesa – Literatura Galega – Estilística Literária*, direção de Jacinto do Prado Coelho, Antônio Soares Amora e Ernesto Guerra da Cal [2ª edição: 2 volumes, Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 1969; 1ª ed.: Porto, Figueirinhas, 1960.]
- Biblos – Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, direção geral de João Bigotte Chorão.
- Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 20 volumes, Lisboa, Editorial Verbo, 1963-1980 [Cerca de 120 verbetes, assinados, de extensão vária, sobre assuntos brasileiros (religião, língua, literatura, pensamento filosófico).]
- Vida Política. In *Minas Gerais, Terra e Povo*, organização de Guilhermino César, Porto Alegre, Editora Globo, pp. 281-296.
- Panorama Literário. In *Atlas Cultural do Brasil*, coordenação de Artur César Ferreira Reis, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972, pp. 206-216.

- A Língua, Fator de Integração. In *História da Cultura Brasileira*, coordenação de Manuel Diégues Júnior, vol. I, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1973, pp. 109-116.
- Extensão e Restrição dos Significados. In *Estudos em Homenagem a Cândido Jucá (Filho)*, organização de Raimundo Barbadinho Neto, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1980, pp. 161-184.
- As Concepções Filosóficas e Religiosas de Camões. In *Miscelânea em Honra de Rocha Lima*, organização de Raimundo Barbadinho Neto, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1980, pp. 161-184.
- Luís de Sousa e Antônio Vieira, Mestres da Prosa Artística Portuguesa. In *Forum Litterarum - Miscelânea de Estudos Literários, Lingüísticos e Históricos Oferecida a J. J. van der Besselaar*, coordenação de Hans Bots e Maxim. Kerkhof, Amsterdam & Maarsen, Holanda, 1984, pp. 73-80.
- Como Vi e Como Vejo Manuel Bandeira. In *Homenagem a Manuel Bandeira / 1986-1988*, organização de Maximiano de Carvalho e Silva, Rio de Janeiro, Presença, 1989, pp. 253-265.
- A Importância da Literatura Portuguesa Para o Estudo da Literatura Brasileira. In *Estudos Universitários de Lingüística, Filologia e Literatura – Homenagem da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro ao Prof. Doutor Sílvio Elia*, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1990, pp. 347-351. ATÉ AQUI
- Sílvio Elia - Evanildo Bechara (org.), *Na Ponta da Língua*, Rio de Janeiro, Liceu Literário Português, vol. 1-4, 1998-2002 [coletânea de artigos de vários autores, publicados na seção do mesmo nome do jornal *O Mundo Português*].

CONFERÊNCIAS E COMUNICAÇÕES:

Temas diversos:

- A Língua de *Os Lusíadas* e a Linguagem Brasileira. In *Actas da I Reunião Internacional de Camonistas*. Lisboa, 1973.
- Sousa da Silveira, Nosso Patrono. [Conferência de abertura do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa realizado como parte do Programa Especial UFF (Universidade Federal Fluminense) - FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa) em Niterói, novembro de 1972. (Texto policopiado e distribuído aos participantes do Congresso).]
- Uma Interpretação do Episódio do “Velho do Restelo”. In *Actas da III Reunião Internacional de Camonistas* (10 a 13 de novembro de 1980), Coimbra, 1987, p. 341-384.
- As Regras de Bem Viver em *Os Lusíadas*. In *Actas da IV Reunião Internacional de Camonistas* (12 a 17 de junho de 1983), Ponta Delgada (Açores), 1984, p. 373-384.

- O *Fatum* e a Divina Providência em Camões. In *Actas* da V Reunião Internacional de Camonistas (20 a 24 de julho de 1987), São Paulo, 1992, p. 85-94.
- Língua e Estilo de Camilo Castelo Branco. In *Actas* do Congresso Internacional de Estudos Camilianos (24 a 29 de junho de 1991), Coimbra, 1994, p. 175-193.

TRADUÇÕES:

Livros e opúsculo traduzidos:

- L. Laurand, *Literatura Latina*. São Paulo, Editora Anchieta, 1946.
- Charles Journet, *A Doutrina da "Cidade"*. Rio de Janeiro, Presença, s/d.
- Paulo VI, *Credo do Povo de Deus*. Rio de Janeiro, Editora Permanência, 1969. 24 p.
[Tradução do texto latino, oficial, dos *Acta Apostolicae Sedis*.]

ARTIGOS EM JORNAIS E REVISTAS:

Mais de 1000 artigos em jornais e revistas do Brasil e do estrangeiro, de que aqui se indicam os que foi possível levantar (levantamento incompleto, portanto).

1937: Na *Revista Brasileira de Pedagogia*, órgão oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação, diretor P.^o Hélder Câmara, Rio de Janeiro:

Um Livro Sobre a Missa (ano 4, n. 36, vol. 7, jul.-ago. 1937).

Caminho da Vida (ano 4, n. 36, vol. 7, jul.-ago. 1937).

Um Novo Livro Sobre o Ensino Secundário (ano 4, n. 36, vol. 7, jul.-ago. 1937).

1939 – 1941: Na revista *Euclides*, Rio de Janeiro, diretor Antônio Simões dos Reis:

Novo Dicionário da Língua Nacional (ano I, n. 7-8, dez. 1939-jan. 1940).

Subordinação (tomo 2, n. 1, mar. 1940).

Um Novo Manual de Ortografia... (tomo 2, n. 7, mar. 1940).

O "Humor" em Machado de Assis (tomo 2, n. 7, jun. 1940).

Variações em Torno de Alphonsus (vol. 2, tomo 1, n. 8, dez. 1940).

Afonso Arinos, Poeta do Sertão (vol. 2, tomo 2, mar. 1941).

1942 – 1947: Em *O Jornal*, do Rio de Janeiro:

Um Preciosíssimo Exemplar de *Os Lusíadas* (8-11-1942). [Transcrito na revista *Ocidente*, Lisboa, n. 63, jul. 1943, com uma carta explicativa de Alceu Amoroso Lima.]

Filologia e Filólogos (23-6-1946).

Tupi e Português (28-7-1946).

Etimologia Popular (18-8-1946).

Dois Dicionários (8-9-1946).

A Herança de Cândido de Figueiredo (22-9-1946).

A Última Ortografia (6-10-46).
 A Metáfora na Língua (20-10-1946).
 Traduções (17-11-46).
 Etimologias (1-12-1946).
 Galicismos (15-12-1946).
 Galicismos Censuráveis e Galicismos Aceitáveis (12-1-1947).
 Fontes do Latim Vulgar (16-3-1947).
 Castro Alves e a Linguagem Brasileira (30-3-1947).
 A Propósito do Indefinido “Um” (13-4-1947).
 Sobre o Eufemismo (27-4-1947).
 Alterações Semânticas (18-5-1947).
 Eugênio de Castro (1-6-1947).
 Vamos Analisar... (15-6-1947).
 O Português dos Concursos (26-6-1947).
 O Português dos Concursos II (13-7-1947).
 Em Busca do Termo Próprio (27-7-1947).
 História dos Particípios (10-8-1947).
 A Lição dos Textos e as Normas Gramaticais (24-8-1947).
 A Lição dos Textos e as Normas Gramaticais II (7-9-1947).
 Extensão e Restrição dos Significados (28-9-1947).

1946 – 1947: Na revista *FNF*, publicação do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia, diretor Maximiano de Carvalho e Silva:

Filologia e Literatura (ano 4, n. 8, nov. 1946). [Recensão crítica dos livros *Capítulos de História da Língua Portuguesa no Brasil e Diferenciação e Unificação do Português no Brasil* de Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* de Manuel de Paiva Boléo e *A Arte de Furtar e o Seu Autor* de Afonso Pena Júnior.]

Gustavo Corção e a Sua Obra Singular (ano 5, n. 9, set. 1947).

1946 – 1955: Na revista *A Ordem*, órgão do Centro Dom Vital, do Rio de Janeiro, diretor Alceu Amoroso Lima:

Maritain e a Fé na Democracia (ano XXVI, n. 5-6, maio-jun. 1946).
 O Problema da Liberdade (ano XXVI, n. 11, nov. 1946).
 Ozanam, Precursor (vol. XLI, n. 4, abr. 1949).
 Ozanam e as Conferências Vicentinas (vol. XLI, n. 6, jun. 1949).
 Sobre “O Problema da Riqueza” (vol. XLII, n. 1-2, jul.-ago. 1949).
 O Silêncio de Santo Tomás no “Auto da Alma” (vol. XLII, n. 4, out. 1949).
 Congregações Marianas e Conferências Vicentinas (vol. XLII, n. 6, dez. 1949).
 A Mensagem de S. Vicente de Paulo (vol. XLIII, n. 1-2, jan.-fev. 1950).
 Os Católicos e a Política (vol. XLIII, n. 1-2, jan.-fev. 1950).
 Impressões de S. Paulo (vol. XLIII, n. 3, mar. 1950).
 O Reino da Mentira (vol. XLIII, n. 6, jun. 1950).

- A Classificação das Palavras (vol. XLIV, n. 6, nov. dez. 1950).
O Testemunho Cristão de Ozanam em Relação à Cultura (vol. XLV, n. 3-4, mar.-abr. 1951).
O Vocabulário da Literatura Infantil (vol. XLVI, n. 3-4, set.-out. 1951).
Saudação a Nossa Senhora de Fátima (vol. L, n. 2, ago. 1953).
A Presença de Ozanam (vol. L, n. 3, set. 1953).
Bibliografia de Ozanam (vol. L, n. 3, set. 1954).
A Vernaculidade da Tradução (vol. LII, n. 4, out. 1954).
Exigências e Técnica da Boa Tradução (vol. LII, n. 6, dez. 1954).
Alterações Semânticas (vol. LIII, n. 1, jan. 1955).
A Metáfora na Língua (vol. LIII, n. 5, maio 1955).
- 1947: No jornal *Correio da Noite*, do Rio de Janeiro, diretor Hildebrando Leal:
- A Filologia é Uma Ciência (20-3-1947).
 - Filologia e Lingüística (37-3-1947).
 - As Línguas Românicas (3-4-1947).
 - Geografia das Línguas Românicas (10-4-1947).
 - A Transplantação das Línguas Românicas (17-4-1947).
 - A Língua Portuguesa no Brasil (24-4-1947).
 - A Importância dos Textos (8-5-1947).
 - A Língua Portuguesa - I (15-5-1947).
 - A Língua Portuguesa - II (22-5-1947).
 - O Infinito Pessoal (29-5-1947).
 - A Sintaxe Portuguesa (5-6-1947).
 - Concordância (12-6-1947).
 - A Colocação dos Pronomes (19-6-1947).
 - A Classificação das Palavras - I (26-6-1947).
 - A Classificação das Palavras - II (3-7-1947).
 - A Classificação das Palavras - III (10-7-1947).
 - Constituição do Vocabulário - I (17-7-1947).
 - Constituição do Vocabulário - II (24-7-1947).
 - Constituição do Vocabulário - III (31-7-1947).
 - O Problema Ortográfico - I (7-8-1947).
 - O Problema Ortográfico - II (14-8-1947).
 - O Problema Ortográfico - III (21-8-1947).
 - Da Formação Filológica (28-8-1947).
 - Da Análise Sintática (4-9-1947).
 - A Classificação das Línguas - I (11-9-1947).
 - A Classificação das Línguas - II (18-9-1947).
 - As Línguas Indo-Européias - I (25-9-1947).
 - As Línguas Indo-Européias - II (2-10-1947).
 - As Línguas Indo-Européias - III (9-10-1947).

1947 / 1966 – 1967: Na revista *Vozes* (Petrópolis):

- Relações Entre a Literatura e o Ambiente (jan.-fev. 1947).
- Conceito de Cultura Brasileira (ano 60, n. 6, jun. 1966).
- Cultura Brasileira - II: Fatores Estáticos da Cultura (ano 60, n. 7, jul. 1966).
- Cultura Brasileira - III: O Meio Físico Brasileiro Como Condicionante da Cultura (ano 60, n. 8, ago. 1966).
- Cultura Brasileira - IV: A Herança Portuguesa (ano 60, n. 9, set. 1966).
- Cultura Brasileira: A Herança Indígena (ano 60, n. 10, out. 1966).
- Cultura Brasileira: A Herança Africana (ano 60, n. 11, nov. 1966).
- Cultura Brasileira (ano 60, n. 12, dez. 1966).
- Cultura Brasileira: O Elemento Dinâmico da Cultura Nacional (ano 61, n. 1, jan. 1967).

1948 – 1949: No jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro:

- Ameaças Ortográficas (11-1-1948).
- O Papel da Analogia na Língua (21-3-1948).
- Causas e Efeitos na Evolução Fonética (18-4-1948).
- Escolha e Rejeição de Livros em Filologia (4-7-1948).
- Literatura Filológica (9-1-1949).

1952 - No jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro, diretor Carlos Lacerda:

- O Caso do Instituto de Educação (21-4-1952).
- Cremação de Cadáveres (23-4-1952).
- A Inumação (24-4-1952).
- O Mais Alto Valor (25-4-1952).
- Prefeito Festeiro (26-4-1952).
- Assistência Social (28-4-1952).
- Portas e Janelas (29-4-1952).
- Cidade Condenada (30-4-1952).
- Zero em Abril (2-5-1952).
- 1.000.000 (3-5-1952).
- Espertos e Otários (5-5-1952).
- “São Judas, me Ajuda!” (6-5-1952).
- Os Moços e a Política (7-5-1952).
- A Autarquia das favelas (8-5-1952).
- Sub-Prefeituras (9-5-1952).
- Municipalização (10-5-1952).
- Sousa da Silveira (12-5-1952).
- À Felicidade do Aires (13-5-1952).
- Adeus, Laranjeiras! (14-5-1952).
- Evolução Semântica (15-5-1952).
- Dois Pesos (16-5-1952).
- 100 Anos Depois (17-5-1952).

Por Eqüidade... (19-5-1952).
 Um Oásis (20-5-1952).
 Polícia, Ontem e Hoje (21-5-1952).
 Cachorros e Crianças (22-5-1952).
 Mais Um (23-5-1952).
 Lamentável Estréia (24-5-1952).
 Má Etimologia, Boa Doutrina (27-5-1952).
 Desabadiço (29-5-1952).
 Ofensas ao Legislativo (30-5-1952).
 Um Ano de Bons Serviços (31-5-1952).
 Decadência da Conversa (2-6-1952).
 Explicação (3-6-1952).
 Fora com as Crianças (4-6-1952).
 Monopólio do Ensino (5-6-1952).
 O Crime do Padeiro (7-6-1952).
 Sugestões à LEC (10-6-1952).
 O Artigo 43 (11-6-1952).
 O Interino e os Interinos (14-6-1952).
 Acordo e Desacordo (16-6-1952).
 Dia da Alegria (17-6-1952).
 A Reivindicação Burguesa (18-6-1952).
 Nas Sombras da Noite (19-6-1952).
 “Comédie” e Comédia (23-6-1952).

1957 – 1958: No *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro:

Mestre Augusto Magne (7-7-1957).
 Falares Brasileiros (14-7-1957).
 Um Drama da Cultura (21-7-1957).
 Convite à Poesia de Alphonsus de Guimaraens (28-7-1957).
 Gramática em Crise (18-8-1957).
 O Regional e o Universal num Romance (25-8-1957).
 Brasília e a Mudança da Capital (8-9-1957).
 Congresso de Democracia Cristã (29-9-1957).
 Vozes de Esperança (27-10-1957).
 Sinais de Borrasca (2-11-1957).
 Reflexões Sobre a Hora Presente (10-11-1957).
 Vieira, os Textos e os Ladrões (17-11-1957).
 Vícios de Pronúncia (24-11-1957).
 Luta e Paciência Democrática (1-12-1957).
 Vigilância e Espírito Público (8-12-1957).
 O Que Fizeram do Natal (22-12-1957).
 Balanço Amargo (29-12-1957).
 Perspectivas... (5-1-1958).

A Indústria do Ensino (12-1-1958).

Um Livro Brasileiro e Generoso.

1960 / 1966: No *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro:

A Pronúncia Carioca (3-7-1960).

Que Língua se Fala no Brasil? (3-5-1960).

Quem Deve Ensinar Literatura Brasileira? (26-5-1966).

1968 – 1972: Na revista *Permanência*, Rio de Janeiro, diretor Gustavo Corção:

Resistite Fortes in Fide (ano I, n. 1, out. 1968).

Ubi Petrus, Ibi Ecclesia (ano I, n. 2, nov. 1968).

Escolho as Duas... (ano I, n. 3, dez. 1968).

O Segundo Sinal (ano I, n. 4, jan. 1968).

Quem Era Jesus? (ano I, n. 5-6, fev.-mar. 1969).

Que Fazer na Crise? (ano II, n. 7, abr. 1969).

O Fundamento da Vida (ano II, n. 8, maio 1969).

A Doutrina e a Ação da “Igreja Carismática” (ano II, n. 9, jun. 1969).

O Alento da Vida (ano II, n. 8, maio 1969).

Convite à Alegria (ano II, n. 11-12, ago.-set. 1969).

A Moral de Sempre e a “Nova Moral” (ano II, n. 13, out. 1969).

O Cristão e o Mundo (ano II, n. 14, nov. 1969).

O Sentido da Vida (ano II, n. 15, dez. 1969).

Um Centenário e Uma Esperança (ano II, n. 16-17, jan.-fev. 1970).

Ainda a Missa (ano III, n. 18, mar. 1970).

Fidem Servare (ano III, n. 19, abr. 1970).

Maria, no Concílio e no “Credo” de Paulo VI (ano III, n. 20, maio 1970).

Erros e Heresias Acobertados Pela Tradução Brasileira da Missa (ano III, n. 21, jun. 1970).

Critérios da Caridade (ano III, n. 22, jul. 1970).

Secularização e Sacralização (ano III, n. 23-24, ago.-set. 1970).

Difundamos Nossa Regra de Fé (ano III, n. 25, out. 1970).

Nossa Posição Ante a “Nova Missa” (ano III, n. 26, nov. 1970).

O Verdadeiro Conceito de Ecumenismo (ano III, n. 27, dez. 1970).

Mysterium Fidei, Presença Real (ano III, n. 28-29, jan.-fev. 1971)

Creio na Santa Igreja Católica (ano IV, n. 30, mar. 1971).

Legionários da Unidade (ano IV, 33-34, jun.-jul. 1971).

Recorramos a Nossa Senhora! (ano IV, n. 32, maio 1971).

Convite a um Grande Livro (ano IV, 33-34, jun.-jul. 1971).

Os Sinais Sagrados (ano IV, n. 35, ago. 1971).

As Sombras Começam a Dissipar-se (ano IV, n. 36-37, set.-out. 1971).

O Sacramento e a Virtude da Penitência (ano IV, n. 39, dez. 1971).

Uma Forma Concreta de Caridade (ano V, n. 40, jan.-fev. 1972).

Tomada de Consciência (ano V, n. 42, abr. 1972).

1969 – 2001 - Na revista *Carta Mensal*, órgão do Conselho Técnico da Confederação Nacional de Comércio (Rio de Janeiro):

- A Crise da Cultura Brasileira (n. 173, ago. 1969).
A Língua-Padrão do Brasil (n. 175, out. 1969).
Remanescentes Indígenas e Africanos na Cultura Brasileira (n. 179, fev. 1970).
A Herança Portuguesa na Cultura Brasileira (n. 182, maio 1970).
Reflexões Críticas Sobre a Educação (n. 187, 1970).
Alencar, Cultor e Artífice da Língua (n. 193, abr. 1971).
Uma Interpretação Talvez Revolucionária de Machado de Assis (n. 195, jun. 1971).
Origens e Formação da Cultura Ocidental (n. 200, nov. 1971).
O Pensamento Filosófico no Brasil (n. 202, jan. 1972).
“Os Lusíadas”, um dos Maiores Poemas da Humanidade (n. 206, 1972).
Variações em Torno dos Romances (n. 240, mar. 1975).
Duas Religiões do Homem (n. 252, mar. 1976).
A Decadência da Língua Culta e Suas Causas (n. 259, out. 1976).
Lei e Direito Natural na Filosofia Clássica (n. 267, jun. 1977).
A Língua Portuguesa no Brasil e no Mundo (n. 273, dez. 1977).
O Direito, o Estado e a Liberdade Segundo Pio XII (n. 278 maio 1978).
A Origem da Linguagem (n. 288, mar. 1979).
Ainda é Tempo de Reagir: a Decadência da Língua Culta (n. 294, set. 1979).
A Reintegração Galego-Portuguesa (n. 305, ago. 1980).
Relembrando Camões... (n. 309, dez. 1980).
Variações Sobre as Esquerdas (n. 323, fev. 1982).
No Centenário de João XXIII (n. 325-326, abr.-maio 1982).
Considerações Sobre a Democracia (n. 328, jul. 1982).
O Inventário Lexical Brasileiro (n. 336, nov. 1983).
Lições Camonianas de Bem Viver (n. 344, nov. 1983).
Gustavo Corção: o Homem, a Obra, a Mensagem (n. 351, jun. 1984).
Justiça e Amizade Cívica, Fundamentos da Democracia (n. 358, jan. 1985).
Uma Política da Língua: as Duas Vertentes (n. 367, out. 1985).
No Centenário de Manuel Bandeira (n.375, 1986).
Radiografia de Machado de Assis (n. 379, out. 1986).
Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras (n. 388-390, 1987).
A Exemplar Ortodoxia de Camões (n. 397, 1988).
A Antigüidade Clássica na Obra de Machado de Assis (n. 402, 1988).
Messianismo e Messianismos (n. 406, 1989).
Vicissitudes da Verdade (n. 411, jun. 1989).
Rui Barbosa e a Língua Portuguesa (n. 413, 1989).
Maquiavel e Sua Descendência (n. 417, 1989).
Escola Pública e Escola Privada (n. 420, 1990).
As Filosofias do Renascimento em Camões (n.430, 1991).
Sobre o (Des)acordo Ortográfico (n. 433, 1991).

O *Fatum* e a Divina Providência em Camões (n. 436, 1991).
 Sobre a Língua e o Estilo de Camilo Castelo Branco (n. 443, 1992).
 Considerações Sobre a Multiplicação das Seitas (n. 455, 1993).
 Em Defesa do Vernáculo (n. 476, 1994).
 Da Linguagem à Vernaculidade (n. 500, 1996).
 Vieira e o “Sermão do Bom Ladrão” (n. 512, 1997).
 Normas de Vida em Camões (n. 522, 1998).
 Camões, Plasmador do Português Moderno” (n. 533, 1999).
 Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho (n. 542, 2000).
 O Sentido Profundo da Obra de Machado de Assis (n. 551, 2001).
 A Língua de “Os Lusíadas” e a Linguagem Brasileira (n. 560, 2001).

1972 – 1974: No jornal *Diário de Notícias* de Lisboa (série de 65 artigos semanais, na coluna “Crônica do Brasil”, publicada aos domingos):

A Semana de Arte Moderna, Marco da História Cultural do Brasil (23-10-1972).
 Camões no Brasil (31-1-1973).
 O Carnaval (18-3-1973).
 O Trianon (25-3-1973).
 A Santa Casa do Rio (1-4-1973).
 Tupi e Português (8-4-1973).
 Donga e o Samba (15-4-1973).
 A Semana Santa Mineira (22-4-1973).
 Um Festival de Inverno (29-4-1973).
 Treze de Maio (15-5-1973).
 O Centenário de Niterói (20-5-1973).
 Retorno ao Zero (27-5-1973).
 Congresso de Filologia e de Camonologia (3-6-1973).
 A Quatro Mãos (10-6-1973).
 Coronel e Coronéis (17-6-1973).
 A Capital e o Interior (24-6-1973).
 Atendendo a um Pedido (1-7-1973).
 Desfaz-se um Mal-Entendido (8-7-1973).
 Glória Mesclada de Tristeza (15-7-1973).
 Um Servidor de Verdade (22-7-1973).
 Nova Era (29-7-1973).
 Um Poeta de Raça (5-8-1973).
 Ocaso de um Império (12-8-1973).
 As Origens do Bacharelismo (19-8-1973).
 Um Ariano Ortodoxo (26-8-1973).
 Dois Gaúchos (2-9-1973).
 A Linguística no Brasil (9-9-1973).
 Vida e Morte do Palhaço (16-9-1973).
 A Hora e a Vez do Piauí (23-9-1973).

- Idealização e Realidade (30-9-1973).
 Da Teoria à Prática (7-10-1973).
 Presente de Pobre (14-10-1973).
 Do Maranhão a Tiradentes (21-10-1973).
 Um Homem Realizado (28-10-1973).
 Um Paladino da República (4-11-1973).
 Rememorando um Pioneiro (11-11-1973).
 Por Paus e por Pedras... (18-11-1973).
 Agradável Presença (25-11-1973).
 Olinda Sobrou (9-12-1973).
 O Laço Principal (16-12-1973).
 Evocação de um Mestre (23-12-1973).
 Olinda e Seu Monge (6-1-1974).
 Espelho de Duas Faces (13-10-1974).
 Memórias de um Desmemoriado (20-1-1974).
 Caminhos Cruzados (27-1-1974).
 A Quebra do Padrão-Ouro (3-2-1974).
 Bom Serviço (10-2-1974).
 Presença Brasileira (17-2-1974).
 Vernaculizações (24-2-1974).
 Do Começo ao Recomeço (3-4-1974).
 Para Não Faltar... (10-3-1974).
 Panorama Visto da Ponte (17-3-1974).
 Ponto de Encontro (24-3-1974).
 Ecos do Centenário (31-3-1974).
 Comentário da Platéia (7-4-1974).
 Memorialistas Esquecidos (14-4-1974).
 Reconstrução que Urge (21-4-1974).
 Usos e Fusos (29-4-1974).
 Página Virada (5-5-1974).
 Um Abridor de Caminhos (13-5-1974).
 Explicações (19-5-1974).
 Herança Minhota (26-5-1974).
 Música de Sempre (1-6-1974).
 Comoção Nacional (8-6-1974).
 Parabéns ao Cinquentenário (15-6-1974).
- 1978 / 1983: Na revista *Linguagem*, órgão do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói:
 O Cultivo da Língua Literária (ano I, n. 1, 1978).
 Para um Dicionário de Brasileirismos (ano I, n. 2, 1983).
- 1991 – 1994: Na revista *Confluência*, órgão do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, do Rio de Janeiro, direção de Evanildo Bechara:

Em Defesa da Língua-Comum do Espaço Luso-Brasileiro (n. 1, 1º sem. 1991).
 Dêicticos e Anafóricos na Língua Portuguesa (n. 2, 1º sem. 1991).
 A Língua das “Sextilhas de Frei Antão” (n. 4, 2º sem. 1992).
 Convite a Ler Vieira (n. 7, 1º sem. 1994).

1992- 1998: No jornal *O Mundo Português*, diretor Antônio Gomes da Costa, seção “Na Ponta da Língua”:

Preservemos o Vernáculo (17-5-1990).
 Ainda Agressões ao Vernáculo (14-6-1990).
 Sobre os Demonstrativos (19-7-1990).
 Saber Ler (2-8-1990).
 Sobre a Ordem das Palavras (20-9-1990).
 O Estilo Conceptual (8-11-1990).
 Quando Virá a Gramática VT? (7-12-1990).
 Sobre o (Des)acordo Ortográfico (21-12-1990).
 “Pôr” e “Colocar” em Camões (4-1-1991).
 Sobre o anacoluto (1-2-1991).
 Antes que ela chegue! (15-3-1991).
 Duzentos e Trinta e Nove Abades? (26-4-1991).
 “Até Assim um Pouco, Mais ou Menos” (24-5-1991).
 Não Só mas Também... (21-6-1991).
 Sexo e Gênero Gramatical (26-7-1991).
 Cheganças, Ficanças e Partidas (9-8-1991).
 “Contém Ausência de Vestígios” (30-8-1991).
 Acontecimentos... (27-9-1991).
 Metaforizando... (1-11-1991).
 Resistir à Invasão Espanhola! (29-11-1991).
 Tentativas de germanização (3-1-1992).
 Pobre Deputados! (24-1-1992).
 “Elementar, Meu Caro Watson!” (21-2-1992).
 Traduções (20-3-1992).
 Sacadiquê? (10-4-1992).
 Cuidado com os Moedeiros Falsos! (15-5-1992).
 A Língua Portuguesa e Camões (12-6-1992).
 Já Foi Bem Melhor... (17-7-1992).
 Má Etimologia, Boa Doutrina (7-8-1992).
 “Medice, Cura te Ipsum!” (11-9-1992).
 Ê, Ê, Ô, Ô, y Outras (23-10-1992).
 O Crescimento Endógeno da Língua –I (13-11-1992).
 Ainda Há Quem se Interesse... (20-11-1992).
 O Crescimento Endógeno da Língua (Conclusão) (11-12-1992).
 Composição, Poética e Imitação (24-1-1993).
 Ainda a Germanização do Português (12-3-1993).

Lá Está Bem Melhor... (7-5-1993).
 Vamos de Mal a Pior! (28-5-1993).
 A Constituição do Vocabulário – I (25-6-1993).
 A Constituição do Vocabulário – II (16-7-1993).
 A Constituição do Vocabulário – III (3-9-1993).
 A Constituição do Vocabulário – IV (17-9-1993).
 O Ensino da Língua Portuguesa – VII (17-9-1993).
 A Crise na Língua Culta (29-10-1993).
 Desta Vez Ainda Não?... (17-12-1993).
 Sobre o Infinito Flexionado (4-2-1994).
 Complementando... (18-2-1994).
 Respondendo a um Leitor... (10-6-1994).
 Lendo, Ouvindo e Reprovando (4-8-1994).
 Maiúsculas, Minúsculas e Ortografia (15-9-1994).
 Pondo os Pingos nos ii (17-11-1994).
 Preservemos o Vernáculo (3-12-1998).
 As “Etapas” do Português (25-2-1999).

Colaboração única em outros jornais e revistas diversos:

No Brasil:

O Descalabro do Ensino. (In *Carta da Resistência*, órgão da Resistência Democrática, Rio de Janeiro, ano 2, n. 53, 1949).
 Orientações e Desorientações em Filologia (In *Lumen*, Recife, ano 1, n. 2, jul. 1949).
 Racionalização e Simplificação da Análise Sintática. (In *Anhembi*, São Paulo, ano 1, vol. 3, n. 8, jul. 1951).
 Cristo e o Mundo. (In *Lareira*, São Paulo, dez. 1952).
 Alceu Amoroso Lima, o Laureado do Ano. (In *Comentário*, publicação do Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação, ano 1, n. 1, jan.-mar. 1960).
 Testemunho Sobre Corção. (In *Globo*, Rio de Janeiro, 11-8-1960).
 A Poesia do Ouro em Feliz Antologia. (In *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18-11-1967).
 Lusíadas e Anti-Lusíadas. (In *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, 1980).
 Amor de Perdição [edição de Maximiano de Carvalho e Silva] (in Revista Brasileira de Língua e Literatura

No Exterior:

In Brasilien wird Portugiesisch gesprochen. (In *Das Parlament*, Bonn, n. 37, 9-9-1954).
 Dialectos Brasileiros. (In *Brasil*, edição do SERPRO da Embaixada do Brasil em Lisboa, Lisboa, n. 23, jan. 1964).
 Cultura: Etimologia da Palavra. (In *Revista de Portugal*, Série A – Língua Portuguesa, Lisboa, vol. 32, 1967).
 A Arquitetura Barroca no Brasil. (In *Diário do Minho*, Braga – Portugal, 3-12-1972).

Reflexão Crítica Sobre a Educação. (In *Boletim da Mocidade Portuguesa*, Lisboa, n. 1, jun. 1973).

O Futuro da Língua Portuguesa no Brasil. (In *O Século*, Lisboa, 4-1-1974).

La Gran Poesía del Modernismo Brasileño. (In *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, n. 47, out. 1978).

Brasil, Uma Igreja Diferente. (In *Notícias de Guimarães*, Guimarães – Portugal, 7-10-1983).

1992 – 2001: No periódico *Pelo Bem Comum – Revista de Cultura Humanística*, diretor Cláudio H. Moniz Braga, Mendes - RJ:

Os Sacramentos da Igreja (maio 1992).

Algo Sobre o Batismo (ago. 1992).

“Sereis Minhas Testemunhas...” (set. 1992).

Mysterium Fidei! (out. 1992).

O Sacrifício da Nova Lei (dez. 1992).

A Comunhão Sagrada (fev. 1993).

O Sacramento do Perdão (mar. 1993).

O Sacramento – Porta do Céu (maio 1993).

“Não Vos Deixarei Órfãos” (jul. 1993).

O Sacramento de Dois Ministros (set. 1993).

Algo Sobre a Fé (fev. 1994).

Agora, a Esperança (abr. 1994).

A Maior das Três (maio 1994).

Algo Sobre a Prudência (ago. 1994).

A Justiça (set. 1994).

A Virtude da Força (dez. 1994).

Notas Sobre a Temperança (mar. 1995).

Sobre o Orgulho (jun. 1995).

Algo Sobre a Avareza (ago. 1995).

A Luxúria, a Ira (out. 1995).

Gula, Inveja e Preguiça (dez. 1995).

A Infalibilidade da Igreja (mar. 1996).

As Notas da Verdadeira Igreja (maio 1996).

A Comunhão dos Santos (jul. 1996).

Algo Sobre a Crisma (out. 1996).

Ainda Sobre a Fé (dez. 1996).

Notícia Sobre Vieira (fev. 1997).

Páscoa da Ressurreição (mar. 1997).

Algo Sobre os Anjos (jun. 1997).

A Comunhão dos Santos (set. 1997).

“Desceu à Mansão dos Mortos” (dez. 1997).

A Remissão dos Pecados (fev. 1998).

“Creio na Ressurreição da Carne” (abr. 1998).

O Fim do Mundo (jun. 1998).
 Natal (dez. 1998).
 Sobre o Espírito Santo (fev. 1999).
 O Poder Supremo (out. 1999).
 Deus Criador (dez. 1999).
 “Nasceu de Maria Virgem” (out. 2000)
 Sobre o Advento” (dez. 2000).
 Algo Sobre a Graça (mar. 2001).

**FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA
 DE GLÁDSTONE CHAVES DE MELO**

- Serafim da Silva Nêto, *A Filologia Portuguesa no Brasil (1939-1948)*, Coimbra, 1950.
- Gládstone Chaves de Melo & Serafim Silva Neto, *Conceito e Método da Filologia*, prefácio de Sousa da Silveira, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952.
- Matoso Câmara Júnior, nota sobre a 2ª edição de *Iniciação à Filologia Portuguesa* (in *A Cigarra*, Rio de Janeiro, n. 3, 1957).
- Sílvio Elia, *Ensaio de Filologia e Lingüística*, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1975 (cap. “Os Estudos Filológicos no Brasil”).
- Adriano da Gama Kury, “Apresentação” da 5ª edição de *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, 1975.
- Idem, “Estará Morta a Estilística?”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/3/1977 (notícia sobre o livro *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*, de Gládstone Chaves de Melo, Rio de Janeiro, Editora Padrão, 1976).
- Rosalvo do Valle, orelhas da 4ª edição, melhorada e comentada, de *A Língua do Brasil*, de Gládstone Chaves de Melo, Rio de Janeiro, Padrão, 1981.
- Idem, apresentação da 6ª edição de *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, de Gládstone Chaves de Melo, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1981.
- Ledo Ivo, “Um Filólogo Desafia o Diabo: Aristóteles Tem um Representante na Câmara dos Vereadores”, reportagem, com fotografias de José Maria da Cruz, na revista *Manchete*, Rio de Janeiro, número de 30/4/1955.
- Maria Regina Kopschitz de Barros, Carolina Maia Gouvêa e Evanildo Bechara (org.), *Miscelânea em Homenagem ao Prof. Doutor Gládstone Chaves de Melo*, Rio de Janeiro, 1995 (“Curriculum Vitae”, p. 13-36; artigo de Maximiano de Carvalho e Silva sobre a “Contribuição de Gládstone Chaves de Melo à Renovação dos Estudos lingüísticos e Filológicos no Brasil”, p. 127-142).
- Aníbal Pinto de Castro, “Melo (Gládstone Chaves de)”, in *Biblos – Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*, volume 3, Lisboa, Editorial Verbo, 1999, col. 608-610.